



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LUANA SALLY DOMINGOS PEREIRA

AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE A CHINA E A IGREJA CATÓLICA

**JOÃO PESSOA
2018**

LUANA SALLY DOMINGOS PEREIRA

AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE A CHINA E A IGREJA CATÓLICA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre

Área de Concentração: Política Internacional

JOÃO PESSOA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

p436r Pereira, Luana Sally Domingos.
As relações diplomáticas entre a China e a Igreja Católica
[manuscrito] / Luana Sally Domingos Pereira. - 2018.
53 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."
1. História da China. 2. Religiões na China. 3. Catolicismo na China. I. Título

21. ed. CDD 274

LUANA SALLY DOMINGOS PEREIRA

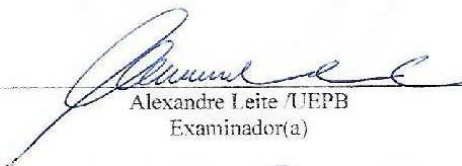
AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE A CHINA E A IGREJA CATÓLICA.

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

Aprovado(a) em 27 / 11 / 2019



Fábio Nobre /UEPB
Orientador(a)



Alexandre Leite /UEPB
Examinador(a)



Anna Carletti /UNIPAMPA
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Sabemos que por trás de uma grande conquista, existem pessoas que nos incentivam e acreditam em nosso potencial, e é por esse motivo que agradeço imensamente a todas essas pessoas que contribuíram direta e indiretamente.

Primeiramente a Deus que permitiu essa conquista, esteve comigo em todos os momentos, nunca me desamparou e se fez presente em todos os momentos que eu pensei em desistir.

Aos meus avós Maria Domingos e Antônio Pereira (*in memoriam*) que também foram meus pais, minha base, quem me criaram e me educaram para enfrentar o mundo. Pessoas simples, agricultores, que apesar de todas as diversidades não mediram esforços e me forneceram toda educação necessária que me serve como exemplo. Se for falar em palavras o quanto sou grata por tudo que fizeram por mim, não seria capaz de escrever.

Aos meus pais Betânia e Afrânio que sempre me apoiaram e me incentivaram durante esses anos de graduação. Foram meu suporte e apoio diário. À minha mãe, toda gratidão do mundo, por ter lutado diariamente para que não faltasse nada para mim e meus irmãos. És exemplo de garra e perseverança, desempenhou papel de mãe e pai por muitos anos e cumpriu esse papel muito bem.

Ao meu pai Afrânio, que me adotou aos 11 anos e que desde sempre foi o melhor pai do mundo, obrigada por ser esse exemplo de pessoa, atencioso, trabalhador, dedicado, carinhoso, perseverante e honesto. Gratidão por nunca me deixar faltar nada e, por cuidar de mim e da minha mãe tão bem.

Aos meus irmãos Rodrigo e Richeu que estão sempre presente em minha vida, apesar da distância e, me apoiaram em toda essa trajetória, mesmo não tendo as mesmas oportunidades de estudar que eu tive me fizeram ter mais força para lutar e chegar até aqui, essa conquista é nossa, meus queridos.

Ao meu namorado, Erik Albert, que me acompanha desde o início da graduação, agradeço por todo apoio, conselho, ajuda, pelas noites que ficou em claro para me ajudar a fazer os slides para as apresentações, por ter dado seu ombro para que eu chorasse nos momentos de aflição. Gratidão por estar ao seu lado nessa jornada e por saber que posso contar com você nos próximos caminhos que virão.

À minha amiga de infância, Kamila Albuquerque, que esteve ao meu lado desde que cheguei aqui em João Pessoa, se fez presente nos momentos que mais precisei, nas horas mais difíceis da vida acadêmica. Gratidão por ter estendido sua mão mais uma vez e por ter me mostrado que eu seria capaz, sem seu apoio não teria conseguido.

Aos anjos que Deus colocou em minha vida e foram suporte, mostraram que no final sempre dá certo, escutaram meus dramas e me apoiaram, Thaís Machado e Bruna Dias, vocês foram incríveis.

Às minhas amigas Kaline Moraes, Jakellynne Deodato e Patrícia Rodrigues que estiveram comigo no início da graduação, agradeço por ter conhecido vocês, pela amizade construída, pelas crises de ansiedade compartilhadas. Pelos trabalhos e seminários apresentados juntos.

Aos (às) colegas de turma, pelos compartilhamentos de aprendizagem, pelo apoio um para com outro, por estarmos juntos nesses quatro anos de graduação. Levarei todos em meu coração, com vocês a jornada foi mais leve.

Aos religiosos da Companhia de Jesus que me ajudaram e contribuíram com este trabalho, as informações obtidas foram de fundamental importância.

Aos professores Alexandre Leite e a Anna Carletti por terem aceitado meu convite para compor a mesa de avaliação, suas contribuições são de grande valia e enriquecedora para minha edificação.

Um agradecimento especial ao grupo de Estudo de Religião e RI (GEPRIR/UEPB) no qual fiz parte e tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis que me inspira a seguir o estudo nessa área, os debates me ajudaram profundamente na construção desse trabalho.

E por fim, mas certamente não menos importante, ao meu orientador Prof. Fábio Nobre, por toda ajuda concedida à concretização deste trabalho, por ter aceitado me orientar, sou grata por sua dedicação e empenho para tornar esse trabalho possível, por acreditar em mim, quando eu mesma não creditava. O Fábio sem dúvida foi uma das pessoas que tornaram meus últimos anos de graduação ainda mais gratificantes.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar como é a situação dos católicos na China, foi feito um breve histórico sobre o país, as escolas que influenciaram na formação e cultura, as diversas lutas até a concretização do país como potência. O presente trabalho configura-se como uma pesquisa exploratória com uma abordagem qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica. Faz um estudo sobre as cinco religiões oficiais. E tendo como ponto principal o catolicismo que é controlado pelo governo comunista por não aceitar a interferência de um líder estrangeiro, mesmo sendo espiritual para não violar a soberania do país. Os fiéis Católicos na China estão divididos entre a Associação Patriótica que é controlada pela República Popular da China e a igreja Clandestina que possui ligação com pontifício. A partir disso, o trabalho tem como objetivo geral apresentar as condições e liberdade de culto para os católicos. Para tanto, os objetivos específicos são: apresentar a configuração religiosa do Estado chinês e a relação com o comunismo; investigar as tentativas de reaproximação entre a China e o Vaticano e, por fim, apresentar as condições empíricas de missionários católicos que estiveram no país.

Palavras-chave: História da China; Religiões na china; Catolicismo na china;

Abstract

The purpose of this study is to analyze the situation of Catholics in China, a brief history about the country, the schools that influenced the formation and culture, the various struggles until the country's achievement as a power. The present work is configured as an exploratory research with a qualitative approach, based on a bibliographic review. It does a study on the five official religions. And having as main point the Catholicism that is controlled by the communist government for not accepting the interference of a foreign leader, even being spiritual not to violate the sovereignty of the country. Catholics in China are divided between the Patriotic Association which is controlled by the People's Republic of China and the Clandestine Church which has a connection with the pontifical. From this, the general objective of the work is to present the conditions and freedom of worship for Catholics. For this, the specific objectives are: to present the religious configuration of the Chinese State and the relation with the communism; to investigate the attempts of rapprochement between China and the Vatican and finally to present the empirical conditions of Catholic missionaries who were in the country.

Keywords: History of China; Religions in China; Catholicism in China

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 CHINA: UM BREVE HISTÓRICO.....	10
1.2 ESCOLAS QUE INFLUENCIARAM A FORMAÇÃO CULTURAL CHINESA	11
1.3 CONFLITOS CHINESES	12
1.4 REVOLUÇÃO CHINESA E SUAS CONSEQUÊNCIAS	13
1.5 MUDANÇAS DO CENÁRIO CHINÊS	14
1.6 INFLUÊNCIAS DA GUERRA FRIA.....	15
1.7 CENÁRIO SOCIOCULTURAL CHINÊS.....	17
1.8 HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NA CHINA	18
2 RELIGIÕES OFICIAIS CHINESES.....	22
2.1. BUDISMO.....	22
2.2 TAOÍSMO.....	23
2.3 ISLAMISMO.....	24
2.4 PROTESTANTISMO.....	26
2.5 CATOLICISMO.....	27
2.5.1 A Associação Patriótica.....	29
2.5.2 A relação do Comunismo e ateísmo.....	30
2.5.2 Igreja Subterrânea: uma questão de fidelidade.....	31
3. A MISSÃO NA CHINA	35
3.1 A ENTREVISTA.....	36
3.2 SIGILOS DAS INFORMAÇÕES	37
3.3 APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS	38
3.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46
Apêndice 1	50

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A China é conhecida hoje como um país altamente desenvolvido, porém, até chegar a nível cultural, econômico, social e religioso que é, passou por períodos de lutas e desafios, para ser considerada uma potência mundial. Entretanto, é preciso passar por toda história para entender os desafios vivenciados pelos líderes e toda população chinesa. O Governo Chinês enfrentou questões difíceis, entre elas, pode-se mencionar as questões de perseguição religiosa e cultural (SUKUP, 2002).

A China tem destaque também quanto ao número de pessoas que habitam o seu território, pois atualmente o país é o mais populoso do mundo. O número mensurado da sua população é de 1,3 (um bilhão e trezentos milhões) de habitantes, o que representa cerca de um quinto da população mundial (KISSINGER, 2011).

A China Contemporânea desenvolveu-se a partir de uma das mais antigas civilizações do mundo. Além disso, as correntes de pensamento filosófico, legalista, taoísta e o confucionismo influenciaram na formação cultural chinesa, nos quais as duas últimas tornaram-se grandes correntes religiosas do povo chinês (SUKUP, 2002). Atualmente, existem cinco religiões oficiais na China, que são: o budismo, taoísmo, islamismo, protestantismo e o catolicismo. Todavia, há inúmeras religiões menores oriundas de influências dentro de suas minorias étnicas. Porém, todas as religiões na China têm obrigação de se registrar no Escritório Nacional de Assuntos Religiosos, órgão que supervisiona os assuntos étnicos e as atividades religiosas no país (COUTO, 2008).

Desde que foi instaurado o governo Comunista no país, as religiões sofreram grandes restrições e controle, principalmente o catolicismo, por isso foi criada uma igreja católica, conhecida por Associação Patriótica, que não reconhece a suprema autoridade administrativa, legislativa e judicial do Sumo Pontífice. O governo comunista chinês não aceita que haja interferência do Papa no país, mesmo sendo de natureza espiritual. Devido a isso, existe outra igreja católica Clandestina, que mantém relação com o Vaticano.

Diante disso, este trabalho tem como objeto “As relações diplomáticas entre a China e a Igreja Católica”, e tem como guia a seguinte questão: como é a situação

dos católicos na China? Essa pergunta-problema é norteadora para entendermos como é a relação entre os católicos e o Estado chinês.

O presente trabalho tem como objetivos específicos apresentar as condições e liberdades de culto para os católicos na China, apresentar a configuração religiosa do Estado chinês e relação com o comunismo, além disso, investigar a evolução histórica dos Católicos na China e as tentativas de acordos que foram feitos pelo Vaticano.

Por ser um tema ainda pouco debatido nas relações internacionais, torna-se algo grandioso e importante pelo fato de estarmos através dele agregando informações e buscando entender as Relações Diplomáticas Chinesas, devido a um lento processo de abertura que o país inicia, desde o final dos anos 1970.

Este trabalho traz um breve histórico sobre a China, todavia o recorte histórico dá-se a partir do Papado de João Paulo II ao Pontificado do Papa Francisco, mesmo havendo outros Papas que também tentaram uma reaproximação com o Estado chinês, nesta pesquisa limitou-se apenas a esses períodos.

A metodologia utilizada é de caráter exploratório e com uma abordagem qualitativa. A partir de uma revisão bibliográfica vem em busca de atualizar a população a respeito dos acontecimentos entre a igreja Católica e o governo chinês. Além disto, foi realizada uma revisão de literatura, dando prioridade a autores sobre o tema em questão, através de artigos, livros, teses e dissertações.

Para tanto, o trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro dividido em seis tópicos, no qual faz um breve histórico sobre a China, buscando entender sua configuração atual. Analisa-se também os conflitos que marcaram a história do país e as escolas que influenciaram sua filosófica e cultural que se estende até os tempos atuais.

O segundo capítulo faz uma breve análise sobre a história das religiões chinesas e as religiões oficiais. Além disso, o foco principal deste capítulo é a existência da igreja Clandestina e, por fim, mostrar as tentativas de reaproximação da igreja Católica com a China e a relação entre o comunismo e o ateísmo, por causa do governo chinês professar-se ser ateu.

Por fim, foi aplicada uma entrevista semiestruturada com os participantes e foi feita uma pequena análise de conteúdo para entendimento e confirmação das respostas obtidas.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CHINA: UM BREVE HISTÓRICO

Este capítulo faz uma breve análise histórica da formação do país, ressalta os aspectos religiosos que influenciaram a formação cultural da China, os conflitos, a influência da guerra fria, os aspectos socioeconômicos que fazem da China ser conhecida hoje como um país altamente desenvolvido, mas para que isso passou por períodos de lutas e desafios, até a consolidação de uma potência mundial.

A China é um país que tem a cultura mais antigas do mundo, tem mais de 4 mil anos. Uma das primeiras dinastias chinesas foi a Xia, constituída em 2070 a.C. Os primeiros anos da história chinesa foram marcados pelo feudalismo. Ao longo dos anos, foram dominados por 14 dinastias, incluindo a Han, a Tang, a Song, a Ming e a Qing. Um dos grandes marcos da China antiga, é a Grande Muralha, foi construída durante o domínio do imperador Qin Shi Huang (MITTER, 2011).

Em 1912, houve o fim da dinastia Qing, resultante da revolução que tornou a China uma república dominada pela guerra civil entre comunistas e nacionalistas. Em 1949, os comunistas assumiram o poder, fundando a República Popular da China. Hoje, o governo chinês é formado, majoritariamente, pelo Partido Comunista Chinês, os militares e o Conselho de Estado (TRAGTENBERG, 2006).

A constituição vigente no país foi implantada em 1982. O código das leis chinesas estabelece o Congresso Nacional do Povo como a maior autoridade governamental do país. Atualmente, a China está dividida em 23 províncias, 5 regiões autônomas e 4 municípios, além de ter 2 regiões administrativas especiais. O país conta com uma economia baseada na indústria e no comércio, e está entre as nações dos Brics – o Grupo dos países emergentes do mundo (MITTER, 2011).

No último século, a população da China saltou de 400 milhões para mais de 1,3 bilhão de pessoas. Esse crescimento populacional forçou o governo a adotar um controle rígido da natalidade no país. Na China, os casais chineses só podem ter um filho único. No país a língua oficial é o mandarim. Existe um controle nas manifestações religiosas no país, mas existem três linhas filosóficas chinesas: o confucionismo, o taoísmo e o budismo (TRAGTENBERG, 2006).

A China é um Estado que possui um histórico de olhar para si como o centro do seu próprio universo. Além do mais, possui um histórico que a considera como centro do mundo, devido toda sua história milenar, seus aspectos políticos, econômicos, sociais, históricos e culturais (MENDES, 2011).

1.2 ESCOLAS QUE INFLUENCIARAM A FORMAÇÃO CULTURAL CHINESA

O Confucionismo é a primeira linha de pensamento, que defendia a ideia de que a natureza humana é boa, porém corrompida pelo uso indevido do poder, a política foi influenciada de tal forma que contribuiu com a unificação cultural da China. Confúcio (VII e VI a.C) é visto como “fundador” de uma cultura, embora ele evidenciasse que não havia inventado nada, apenas estava tentando revigorar os princípios de harmonia que haviam existido na idade de ouro, mas que haviam se perdido no caos político no qual o próprio vivia (KISSINGER, 2011).

Os ensinamentos do taoísmo, segunda grande escola filosófica existente nesse período, são atribuídas à figura semi-histórica de *Lao-Tse*¹ e aos trabalhos de *Tchuang-Tse*², atualmente é considerada uma das religiões oficiais chinesas, que reúne o culto dos espíritos da natureza e dos ancestrais, doutrinas e diversas crenças (SUKUP, 2002).

Uma terceira escola de pensamento que floresceu nesse período e exerceu influência duradoura sobre a civilização chinesa foi o legalismo, que pregava a afirmação de uma ordem social baseada em leis estritas e impessoais. Para fortalecer esse sistema, batia-se pelo estabelecimento de um Estado no qual o soberano tivesse autoridade incontestável. Os legalistas pregavam a socialização do capital, o estabelecimento do monopólio governamental e outras dimensões econômicas para enriquecer o Estado, tonificar seu poder militar e centralizar o controle administrativo (COUTO, 2008).

No segundo milênio, a China era mais desenvolvida, em termos de organização social, que a Europa, que mal começava a sair da Idade Média. Até o plano tecnológico era mais desenvolvido, as invenções chinesas sempre tiveram

¹ Lao-Tsé (604-517 a.C.) foi um filósofo da China Antiga, fundador de um movimento filosófico que se tornou com o passar do tempo uma das religiões oficiais chinesas, o Taoísmo. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lao_tse/. Acesso em: 16 nov. 182018

² É classificado como uma das mais importantes obras literárias de toda história chinesa, por ter influenciado muitas gerações de escritores até ao presente. Disponível em: <https://relogiodagua.pt/produto/chuang-tse/>. Acesso em: 16 nov. 18

destaque, começando com a imprensa, a bússola e a pólvora. Quaisquer, após serem logo utilizadas e aperfeiçoadas numa modernização conquistadora, tornar-se-iam ferramentas essenciais da dominação europeia sobre o mundo (KISSINGER, 2011).

Para o Ocidente, a China poderia ser uma parceira, uma rival ou uma inimiga. Contudo, era o único país no Oriente e no mundo que poderia ser considerado como igual, quando não superior, descartada a outra principal civilização asiática, a Índia, por sua notória heterogeneidade interna, causa principal da sua fácil conquista pelos ingleses (SUKUP, 2002).

No século XIX, no contexto do imperialismo, a China permanecia dominada e explorada pelas potências europeias, principalmente pelo Reino Unido. Esta potência imperialista, além de explorar a China economicamente, interferia em seus assuntos políticos e culturais. Os imperadores da Dinastia Manchu eram subordinados à dominação europeia. A distribuição das terras fecundas chinesas também era outro problema para o país, pois quase 90% estavam nas mãos de grandes proprietários rurais (COUTO, 2008).

1.3 CONFLITOS CHINESES

No final do segundo Milênio um ato de rebeldia contra a dominação estrangeira ocorreu na China. Os boxers fizeram uma revolta de caráter nacionalista que foi duramente reprimida pelas tropas estrangeiras. Este conflito ficou conhecido como Guerra dos Boxers. Em 1908, Sun Yat-sen fundou o Partido Nacionalista (Kuomintang) cujo principal objetivo era fazer oposição à monarquia e ao domínio europeu no país (POMAR, 2003).

Em 1911, com o apoio de grande parte dos militares chineses, Sun Yat-sen foi proclamado primeiro presidente da República Chinesa. Porém, em várias regiões do país comandadas por grandes proprietários rurais ocorreram resistências, mergulhando a China num longo período de guerra civil. Desta forma, a Revolução de 1911, foi um grande marco, aboliu a monarquia feudal, mas o povo chinês ainda teve que derrotar o imperialismo e o feudalismo, com isso, o movimento de modernização foi ganhando forças entre representantes políticos e anti-imperialista e os jovens estudantes chineses (SOUSA, 2005).

Eis que aconteceu a primeira luta organizada dos intelectuais chineses, que para alguns sinólogos é considerado a primeira luta anti-imperialista revolucionária da China, em conjuntura com o Congresso de Versalhes.

Em 1919 com a situação política que se encontrava a china, jovens intelectuais buscavam soluções para melhoria do país, eles desempenhavam o papel de mediadores entre a população e o governo, mas perderam suas forças porque os senhores da guerra dominavam o povo através de ameaças com armas (CARLETTI, 2007). Para Carletti, “era preciso pensar numa nova China, num novo tipo de cultura, que liberasse o país da exploração interna dos senhores da guerra e da dominação externa dos estrangeiros, por meio de métodos revolucionários” (CARLETTI, p. 54, 2007).

1.4 REVOLUÇÃO CHINESA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A Revolução Chinesa foi o seguimento revolucionário responsável pela modificação da China em uma nação comunista. Isso aconteceu após os diversos conflitos que perduraram anos entre as forças nacionalistas de Chiang Kai-shek³ e as forças comunistas de Mao Tsé-tung, cujo saiu vitorioso do enfrentamento. A partir deste marco mudanças foram implementadas pelo novo regime (SILVA, 2005).

Em 12 de Julho de 1921 foi fundada a República Comunista da China (RCC), em Shangai, dentre seus 12 fundadores, estava Mao Zedong que buscava participar das discussões para solucionar os problemas políticos da China. O pensamento marxista veio proveniente da Europa como instrumento de análise da sociedade chinesa, devido à situação que se encontravam milhões de pessoas tiradas repentinamente das áreas rurais e jogadas nas indústrias construídas pelos estrangeiros na china (CARLETTI, 2007).

Carletti (2007) ressalta as condições subumanas enfrentadas por mulheres, homens e crianças chinesas, no qual lembraram aos intelectuais as similares condições também enfrentadas por operários ingleses que viveram nos piores anos da Revolução Industrial. E afirma que a “única diferença era o fato que o proletariado chinês não cresceu gradualmente como aconteceu com a Inglaterra” (CARLETTI, p. 52, 2007).

³Foi o líder militar chinês que ajudou a depor o imperador da China. Logo após ficou à frente do Partido Nacionalista, lutou pelo poder na China. E se tornou seguidor do líder Sun Yat-Sen. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/Chiang-Kai-shek/480959>. Acesso em: 16 de nov. 2018

Desta forma, os jovens intelectuais chineses encontraram as mesmas características que as sociedades europeias descritas por Marx e Engels. Ademais, os marxistas chineses identificaram que os operários eram a força revolucionária da qual precisavam para mudar a situação política da China (CARLETTI, 2007)

Em setembro de 1949, os comunistas reuniram a Conferência Consultiva Popular Política Chinesa, que adotou diretrizes princípios políticos e uma lei orgânica para governar o país. Mao Tsé-tung, designado presidente desse organismo, era de fato o chefe do Estado.

A República Popular da China foi proclamada em 1º de outubro de 1949, eis que os comunistas tomam o poder e proclamam a República Popular da China, com Mao Tse-tung como chefe supremo. Transformada num país comunista, a China passou por uma série de reformas como, por exemplo, coletivização das terras, controle estatal da economia e nacionalização de empresas estrangeiras (POMAR, 2003).

Apenas depois do processo revolucionário chinês, entre 1911 e 1949, e a fundação da RPC, é que o cenário geopolítico da Ásia mudou, saindo do polo japonês para o chinês e mudando absolutamente a partir da década de 1980 a geopolítica regional asiática e global. Nesse sentido, a RPC busca consolidar o seu papel de potência na geopolítica global (LOBO, 2012).

Em 1953, o controle comunista havia se estabelecido com firmeza. Em 1954, o Congresso Nacional Popular aprovou o rascunho da Constituição que foi enviada ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês. Esta Constituição confirmou a hegemonia do Partido Comunista Chinês e introduziu mudanças destinadas a centralizar o controle do governo (POMAR, 2003).

1.5 MUDANÇAS DO CENÁRIO CHINÊS

A China está finalmente ganhando o papel de potência regional e global que perdeu na metade do século XIX. As conquistas começam a trazer diferenças significativas entre a China do início do século XX e a do início do século XXI. A China de um século atrás era vítima do imperialismo ocidental e do imperialismo japonês, correndo risco, na expressão da época, de “ser esvaziada como um melão” pelas potências estrangeiras. Era um Estado fraco e vulnerável. A China de hoje, embora tenha profundos atritos e falhas, é uma entidade muito mais forte (MITTER, 2011).

Segundo Carletti (2007) o nome em chinês é Zhong Guo que significa País do Meio, representando a importância de sua nação para o restante do mundo, considerando-se auto-suficiente e que não necessitaria de outros países, em toda sua história sempre dificultou as relações com outros países, em especial com Ocidente, e buscava mais relações com o Oriente.

De certa forma, a sociedade internacional tem se hierarquizado: o Império do Meio (a China), considerado pelos mesmos como a única cultura, está no topo, e engloba as nações vizinhas (Coreia, Vietnã, Japão e o restante dos países asiáticos) que absorvem as ideias chinesas e conseguem ser mais civilizados. Ao contrário dos europeus e africanos que são considerados bárbaros.

Mesmo assim, nos séculos XVI-XVII, manteve a percepção de que o Império do Meio era muito fraco em termos militares, uma vez que tinha uma política de não-agressão em relação aos seus vizinhos. Estas análises servem hoje de base aos argumentos de que a China não é um poder bélico, mas sim pacifista e que os seus slogans de “ascensão pacífica” e “paz e desenvolvimento” são genuínos (MENDES, 2007).

Antes da formação da República Popular da China (RPC), existia um grupo de Estados independentes em conflitos nas terras centrais que atualmente chamam de “China” (MENDES, 2007), através de lutas deu-se início as primeiras dinastias e imperadores que uniram esses Estados, e em consequência disso, criaram a civilização clássica da china (MITTER, p 14). Maurizio (2003) afirma que entre os anos de 907 e 960 que a história da china foi marcada pela fragmentação política, época conhecida pelas Cinco Dinastias (Liang, Tang, Jin, Han e Zhou) e Dez Reinos, transformando o país em um conjunto de vários estados.

Diante disso, através da linha de pensamento do filósofo Confúcio, no qual defendia a ideia de que a natureza humana é sempre boa, porém, é corrompida pelo uso indevido do poder, a política foi influenciada de tal forma que contribuiu com a unificação cultural da China (MAURIZIO, 2003).

1.6 INFLUÊNCIAS DA GUERRA FRIA

A Guerra Fria trouxe grande mudança no cenário asiático, e considerável influência no desenvolvimento social, cultural, político e industrial de seus países. Teve início logo após a segunda guerra mundial, pois os Estados Unidos e a União Soviética (URSS) estavam em busca de disputar a hegemonia política, econômica e

militar no mundo. A definição para a expressão guerra fria é de um conflito que ocorreu apenas no campo ideológico, não houve conflito militar declarado e direto entre Estados Unidos e URSS (KNIGHT, 2008).

Com o fim da Guerra Fria, o cenário geopolítico da Ásia tornou-se mais instável e complexo. A questão muçulmana, abafada por décadas pela URSS e pelo domínio das repúblicas soviéticas, pelo fato de sua maioria ser islâmica, agora se ergue mais forte, principalmente no início do século XXI, após os atentados terroristas em 11 de setembro de 2001, e as guerras do Afeganistão e do Iraque. A RPC ganhou agora novos vizinhos com novas demandas internas (ARBEX, 1997).

Por outro lado, essas antigas repúblicas soviéticas, com consideráveis reservas de petróleo, passavam a ser estrategicamente importantes para a RPC. A grande relação da RPC é com os Estados Unidos no início do século XXI. A parceria econômica nas últimas três décadas, ampliada desde o fim da Guerra Fria, embora as crises econômicas de 1997 e 2008 pareçam continuar, pois atende a interesses mútuos dos dois países (KNIGHT, 2008).

O período da Guerra Fria também contribuiu para a perda da importância do contexto local ao se favorecer uma dimensão estrutural do sistema internacional. As estratégias locais de articulação estavam sempre conectadas à lógica global da divisão do mundo em dois espaços de influência. Mesmo que esse efeito tenha sido mais nítido em algumas regiões do que em outras e que alguns exemplos (como a Comunidade Econômica Europeia) indicassem que ainda era possível se pensar em um contexto mais restrito, a Guerra Fria tendia a dar uma lógica global às questões regionais (KNIGHT, 2008).

Depois que a Guerra Fria terminou, no final da década de 1980, o governo dos EUA tentou se familiarizar com a China ao adotar uma política do que chamou de "engajamento construtivo". Essa política procurou retratar os EUA como a única superpotência remanescente, embora com intenções benignas, cujo objetivo principal era encontrar um terreno comum com países autoritários da Ásia Pacífica, incluindo a China (MINGST, 2014).

Para Haynes (2010) o governo da China considerou a iniciativa dos EUA como útil porque implicava uma diminuição da necessidade de responder às pressões externas em áreas onde era vulnerável a democracia e os direitos humanos. E, junto com o "engajamento construtivo" dos EUA, parecia haver uma crescente disposição internacional para aceitar a crença de que havia algo chamado

"o caminho asiático" que justificava padrões de desenvolvimento diferentes, menos que totalmente democráticos.

Todavia, não há dúvida de que sistemas políticos diferentes são a razão essencial para os conflitos entre os Estados Unidos e a China. No entanto, causas mais profundas do desacordo entre os Estados Unidos e a China sobre questões de direitos humanos residem nos diferentes níveis de desenvolvimento econômico e nas culturas divergentes e valores básicos dos dois países (MINGST, 2014).

1.7 CENÁRIO SOCIOCULTURAL CHINÊS

Devido às profundas transformações que vêm marcando o sistema internacional, as relações internacionais estão em evidência, seja em decorrência do fim do conflito bipolar, ou seja, com o resultado da aceleração dos fenômenos da transnacionalização / globalização e da fragmentação sociocultural (HERZ, 1997).

Toda essa mudança cultural com o fim da guerra fria trouxe à tona os debates das religiões chinesas, tema sempre muito turbulento no país, algumas consideradas oficiais outras muito perseguidas. Não existia somente uma religião na China, mas várias, e compostas de filosofias diferentes. As religiões são um misto de budismo-taoísmo-confucionismo, havendo, no entanto, uma forte quantidade de muçulmanos e alguma comunidade cristã. Durante o século VI, com a reunificação da China nas dinastias Sui e Tang, o taoísmo se aumentou por todo o império e passou a coexistir com outras religiões, como o budismo e o cristianismo (HO-FUNG, 2011).

Essa religião continuou a se desenvolver na dinastia Song, expulsa em 1126. Sob o domínio de dinastias posteriores, a religião taoísta desenvolveu a Doutrina das Três Religiões (Confucionismo, Taoísmo e Budismo). Com o advento do comunismo na China, o Taoísmo religioso foi vítima de perseguições. Todavia, as tradições foram mantidas na China continental e estão conseguindo ressurgir (HSUAN-AN, 2006).

Esgotada, drenada financeiramente pelas guerras e ocupações, a China tentava encontrar seu próprio destino. O líder Mao Zedong implantou um regime autoritário e nacionalista, com o Estado dirigindo a sociedade, e deixou pouco espaço a manifestações religiosas e culturais. A China se fechava a quaisquer influências estrangeiras. Claro, as atividades culturais e as religiosas continuavam a existir, mas sob controle estatal (HO-FUNG, 2011).

Vale ressaltar que a liberdade de consciência é um direito básico do cidadão chinês, garantido pela Constituição da República Popular da China. Dentro do Congresso formado pelo povo chinês e da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, existia quase 17.000 fiéis de religiões distintas a integrar os cargos de representantes ou membros do comitê, representando os círculos religiosos na participação de gestão do país (HSUAN-AN, 2006).

1.8 HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NA CHINA

A forma como a china encara a religião e a filosofia difere completamente da maneira que o Ocidente lida com as mesmas questões. As religiões ocidentais estão bastante focadas no destino do ser humano em outra vida; às religiões chinesas estão mais vinculadas para os problemas desta vida. Diferentemente das crenças chinesas, as crenças ocidentais estão muito fundamentadas em livros sagrados, revelados ou escritos por influência divina. Na China, os documentos religiosos não reivindicam este caráter sagrado. Seus autores são conhecidos, e suas obras nada têm de sobrenatural (OLIVEIRA, 2016).

A religião tradicional da china venera muitos deuses, ancestrais, homens considerados sábios (como *Confúcio* e *Lao zi*). Tem em suas diretrizes vários locais como sagrados; templos, montanhas, florestas. É uma crença muito semelhante com o Xintoísmo japonês. Uma religião popular, com muitos ritos e festas, que as pessoas exercem sem qualquer fanatismo. Formalmente, esta religião trouxe vários elementos do confucionismo, que é talvez a tendência filosófica chinesa mais conhecida no Ocidente (OLIVEIRA, 2016).

O confucionismo é um antigo sistema religioso e filosófico. Desenvolveu-se nos últimos 2.500 anos a partir de escritos atribuídos a um filósofo chinês, Confúcio (o versão latinizada de Kung Fu-tzu (isto é, Mestre Kung), um professor na China que viveu entre c.551 e 479 AEC. Seus principais ensinamentos estavam relacionados aos princípios de boa conduta, sabedoria prática e relações sociais "adequadas", e focados nas relações entre os indivíduos, entre os indivíduos e suas famílias e entre os indivíduos e a sociedade em geral (HAYNES, 2010).

Desde tempos passados, as religiões na China consistiam na veneração aos deuses liderados por Shang Di, com o passar das diversas dinastias, começaram a surgir grandes movimentos religiosos. Uma das primeiras doutrinas que nasceram no século V foi o Taoísmo, mas com a reunificação da China nas

dinastias Sui e Tang durante o século VI, o Taoísmo passou a conviver com outras religiões (budismo e nestorianismo⁴) e expandiu-se por todo país (GONÇALVES, 2018).

De acordo com a resolução do Governo Chinês de identificar a importância da Declaração Universal, um documento juridicamente vinculativo, está ligado à noção de que os indivíduos só têm direitos via Estado, ou seja, apenas o Estado pode assumir e assegurar o cumprimento desses direitos (VAZ-PINTO, 2008).

Mesmo não havendo até o século XIX uma palavra chinesa para ‘direito’ em um sentido normativo, podemos analisar que em sua história duas escolas de pensamento abordaram sobre a questão de direitos e deveres, especificamente o confucionismo e o legalismo. Esta última foi uma das seis principais escolas de pensamento durante os períodos da primavera e outono e dos Reinos combatentes. O legalismo pode ser considerado uma visão pragmática de filosofia política. Seus princípios essenciais são os da jurisprudência, sendo assim o legalismo é parte importante do direito da China (VAZ-PINTO, 2008).

“Legalismo” pode significar, de uma maneira geral, filosofia política que sustenta o poder da lei e, portanto, é distinguida do significado ocidental. Largamente ignorando a moral ou questões sobre como a sociedade deveria funcionar em termos ideais, a escola examinou o governo da época, enfatizando uma consolidação realista da riqueza e do poder do autocrata e do estado, com o objetivo de conseguir crescentes ordens, segurança e estabilidade (GONÇALVES, 2018).

Sobretudo o legalismo deixou uma marca memorável na maneira como o direito é apontado, segundo Vaz-Pinto “para os legalistas, a autoridade está baseada no medo e força ao passo que, para os confucionistas, a autoridade emana do respeito e da virtude” (VAZ-PINTO, p. 73, 2008).

De acordo com essa estrutura de direitos, no período maoísta a religião foi considerado um legado dos tempos feudais, e que sofreu juntamente com as instituições, educação tradicional, culturas e também com a herança confucionista. Esse cenário só mudou com a liderança de Deng Xiaoping que proporcionou uma revitalização da existência da religião na sociedade chinesa (VAZ-PINTO, 2008)

⁴ O Nestorianismo, assim como o budismo era uma religião, uma doutrina disseminada no século V por Nestório, grande patriarca de Constantinopla, e considerada incrédula pela Igreja católica, que enfatizava a distinção entre as naturezas humana e divina de Cristo (OLIVEIRA, 2016).

Segundo a autora Vaz-Pinto (2008), tem se verificado essa revitalização especialmente a partir dos anos 1990 paralelamente ao desenvolvimento econômico. Analisando a partir do ponto de vista constitucional, a autora ressalta que é importante analisar de forma mais ambígua o artigo 36 da Constituição da China:

Os cidadãos da República Popular da China gozam de liberdade de crença religiosa. Nenhum órgão do Estado, organização pública ou indivíduo pode obrigar os cidadãos a acreditarem ou não em qualquer religião; nem podem estes discriminar os cidadãos que acreditam ou não em qualquer religião. O Estado protege as atividades religiosas normais. Ninguém pode fazer uso da religião para tomar parte em atividades que perturbem a ordem pública, que ponham em risco a saúde dos cidadãos ou que interfiram com o sistema educativo do Estado. Organismos e assuntos religiosos não estão sujeitos a qualquer domínio estrangeiro (REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 1982, artº 36).

Desse modo, é possível que haja uma reserva constitucional que protege a liberdade religiosa, porém não se trata do direito à manifestação da fé religiosa, em contraposição o que está pressuposto no artigo 18 da Declaração Universal e do Pacto Internacional. Entretanto, essa conjuntura está diretamente ligada à forma que o Governo chinês tem de preservar só as atividades “normais” e a maneira de evitar que os assuntos religiosos sejam sujeitos a domínio estrangeiro. (VAZ-PINTO, 2008).

Como é o caso da religião católica, objeto de maior controle, devido ao fato que entre as religiões, ela é a única que faz referência a um chefe estrangeiro, cuja autoridade mesmo sendo espiritual, recai sobre cidadãos de nações soberanas. Além disso, esse fator é fundamental para entender o controle estatal da religião no país. Apenas em 1982 foi divulgada a política oficial do PCC sobre a religião, no chamado ‘Documento 19’⁵(CARLETTI, 2007).

O que revelou o comportamento pragmático e tolerante de Deng Xiaoping perante os assuntos religiosos que não colocassem em causa a legitimidade do partido. Ademais, concedia importância de não acreditar em qualquer crença religiosa, e existia uma liberdade promovida pelo próprio governo em sistema educativo (CARLETTI, 2007).

⁵ Segundo Carletti (2007) é um documento que o governo chinês enviou para todos os membros e organizações do Partido Comunista da China, no mesmo ano da promulgação da nova Constituição, com o objetivo de esclarecer qual seria o ponto de vista do partido a respeito da religião e de como iriam guiar as questões religiosas no país.

Segundo a autora Vaz-Pinto (2008), neste documento há uma proibição explícita aos membros do PCC de participarem de qualquer atividade religiosa ou que sejam crentes. Além do mais, classificou há atividades normais, mesmo de forma indireta.

Carletti (2007) ressalta que durante a Revolução Cultural⁶ houve uma exceção que tentou eliminar qualquer tipo de religião, a religião católica sempre foi alvo de maior controle por parte do governo comunista.

Para o Estado, apenas essas cinco religiões: o budismo, taoísmo, islamismo, protestantismo e o catolicismo têm o direito de existirem legalmente no território chinês e conseqüentemente coloca-as sob um rigoroso controle das associações religiosas patrióticas. Apenas cinco religiões principais: budismo, taoísmo, islão, catolicismo e protestantismo (BARKER, 2013).

⁶ Segundo Santana (2009) caracteriza-se como uma luta ideológica e política, representada por dois grupos, um que era a “elite militante” que era adepta das ideias de Mao Tsé Tung e a outra que eram contrárias às ideias e o comportamento da maioria do partido, constituído pela “elite funcional”. O principal objetivo dessa revolução era de modificar a orientação política do país, através da cultura, do ensino e da propaganda.

2 RELIGIÕES OFICIAIS CHINESAS

Este capítulo está destinado a explicar a história, a prática e os desafios traçados das cinco religiões principais e oficiais na China, que são o Budismo, Taoísmo, Islamismo, Protestantismo e o Catolicismo. No entanto, o catolicismo é alvo de um maior controle devido à ruptura das relações diplomáticas com a instauração do Governo Comunista. Além disso, o foco principal deste capítulo é a existência da igreja Católica Subterrânea, também conhecida por igreja Clandestina, que não é controlada pelo governo chinês, as tentativas de reconciliação entre o Vaticano e a República Popular da China e relação entre o comunismo e o ateísmo, devido ao fato do governo chinês professar-se ser ateu.

Mesmo havendo cinco religiões principais e oficiais na China (Budismo, Taoísmo, Islamismo, Protestantismo, Catolicismo), existe também uma variedade de religiões menores, incluindo religiões vindas de outros países como o xamanismo ou cristianismo ortodoxo oriental, e outras que surgiram de histórias e culturas de minorias étnicas chinesas, como o Dongba ou Mazu, as quais têm influência dentro de suas próprias minorias étnicas. Contudo, esse capítulo irá abordar a trajetória de cada religião, suas dificuldades, desafios e prática dentro do território chinês (NÓBREGA, 2018).

Atualmente, todas as igrejas e templos na China são obrigadas a registrarem-se no Escritório do Movimento Patriótico das Três Autonomias (autoadministração, auto apoio, e auto propagação), que é responsável pelo *Protestant Three Self Patriotic Movement* e pela *China's Catholic Patriotic Association*, esses dois grupos são controlados pelo Partido Comunista Chinês (SILVA, 2008).

O primeiro fiscaliza o serviço de evangelização dos fiéis e da administração dos assuntos religiosos protestantes e a segunda, com as mesmas atribuições, atua na esfera católica; estes grupos tomam suas decisões de forma independente dos moldes dessas igrejas no exterior (SILVA, 2008).

2.1. BUDISMO

O Budismo serviu durante muito tempo como uma das principais forças socializadoras, aculturadoras e unificadoras em vários países da Ásia do Pacífico.

Como resultado, o budismo influenciou profundamente o desenvolvimento cultural, econômico e político de várias nações da Ásia do Pacífico e, no momento atual, continua a influenciar os valores culturais, sociais e políticos de muitos povos da região. O Budismo é a raiz a partir da qual a identidade nacional e as heranças políticas e sociais desenvolveram-se durante séculos em muitos países da região (HAYNES, 2010).

O budismo chegou à China aproximadamente há seis séculos após o falecimento de Buda, segundo historiadores a religião chegou na China por volta do século II d.C. Tiveram uma chegada turbulenta, ora foram perseguidos, e ora tolerados, variavam de acordo com a vontade dos imperadores chineses (FUMOTO, 2017).

Com o passar do tempo, os ensinamentos budistas começaram a ser assimilados pela população chinesa, e uniram-se com outras crenças religiosas como o confucionismo, o taoísmo e a religião tradicional chinesa. Sendo o taoísmo um dos maiores aliados para disseminação do budismo na China. Devido ao fato dos taoístas ajudarem os monges budistas a traduzirem os sutras (os escritos sagrados para o chinês) para um obterem uma maior compreensão das escrituras sagradas (HAYNES, 2010).

Durante a dinastia Tang, quando a religião estava crescendo, e o budismo tornou-se poderoso, criados templos e monastérios, acabaram sendo perseguidos, e os imperadores mandaram fechar os monastérios e confiscar as suas propriedades. Outra perseguição foi durante a Revolução Cultural promovida por Mao Tse-tung (FUMOTO, 2017).

2.2 TAOÍSMO

O taoísmo assim como o Confucionismo surgiu como uma corrente filosófica, em meados do século II, durante as dinastias Tang (618-907) e a Song (960-1279), com o apoio dos seus imperadores. É uma crença com tradições indígenas, que entrou em um período de amplo desenvolvimento e se tornou uma importante religião na China, apenas menor que o Budismo. Apropriam-se das crenças populares chinesas e da estrutura do Budismo (KORTE, 2009).

Os mestres do taoísmo acreditam que tudo possui uma identidade, leis da natureza, e a única fonte vem do Tao. A definição da palavra em chinês é “caminho, direção, trilha”. E é através desse caminho que o taoísta buscam seus princípios,

meditação, desapego, harmonia, e a libertação da alma. Outrossim, existem no Taoísmo duas forças, o yin e o yang. O yin e o yang “é um princípio da filosofia chinesa, no qual yin e yang são duas energias opostas. O significado do Yin é escuridão sendo representado pelo lado pintado de preto, e yang é a claridade” (SHOJI, 2004).

2.3 ISLAMISMO

O islamismo é uma religião monoteísta (acredita na existência de um único Deus), é fundamentada nos princípios de *Mohammed* ou *Muhammad*, chamado pelos ocidentais de Maomé. Nasceu em Meca, em meados dos anos de 570, começou sua pregação aos 40 anos, na região onde corresponde ao território da Arábia Saudita (YANG, 2002).

O significado da palavra islã é submeter-se a obediência à lei e à vontade de Alá (*Allah*, Deus em árabe). Os seus seguidores são de maioria muçulmanos (*Muslin*, em árabe), os quais se subordinam a Deus (YANG, 2002).

Os seguidores de Alá têm como livro sagrado o alcorão, no qual consiste em uma coletânea das revelações divinas recebidas por Maomé de 610 a 632. Os principais princípios a ser seguidos são a onipotência de Deus e a obrigação da generosidade, bondade e justiça nas ligações entre os seres humanos (MURATA, 2005).

Além disso, há cinco princípios fundamentais para os muçulmanos: crer em Alá como o único Deus, e em Maomé, seu profeta; ser generoso e ajudar o próximo, fazer cinco orações diárias; obedecer ao jejum religioso no período do ramadã (o mês destinados ao jejum dos fiéis); e por fim, ir em peregrinação à Meca no mínimo uma vez na vida (*Hajj*) (MURATA, 2005).

O islamismo também é umas das religiões oficiais da China, e a religião mostra contínuos contatos entre a China e os países árabes. Desde a dinastia Tang (618-907) à dinastia Song (960-1279), muitos comerciantes muçulmanos de propriedades árabes e da Pérsia chegaram à China por meio das rotas marítimas e pelo caminho da seda (KORTE, 2009).

Atualmente a china possui cerca de 20 milhões de habitantes muçulmanos, a maioria deles vivem nos territórios de Xinjiang, Ningxia, Gansu e Qinghai e em outras regiões do país. Desde 1949, que a liberdade religiosa é garantida pela constituição e outras leis, a vida dos muçulmanos na China melhorou muito.

Em 1953 foi estabelecido a Associação Islâmica da China, uma organização nacional de muçulmanos, no qual ajuda o governo a implantar a política de liberdade religiosa e popularizar a cultura islâmica (MURATA, 2005).

O islamismo ressurgiu na China após décadas de sangrenta repressão. Graças à atual política mais flexível do Partido Comunista Chinês, que permite aos cidadãos maior liberdade de culto religioso, os muçulmanos do país aumentam de número e voltam a frequentar as mesquitas. Embora modesto esse renascimento é bem perceptível. Mas os ventos da rebelião já sopram também em meio à comunidade islâmica chinesa, insuflados pelo fundamentalismo importado de países da Ásia Central, como o Afeganistão e o Irã (KORTE, 2009).

O Islamismo existe na China como religião estabelecida há cerca de 800 anos. Os contatos iniciais, no entanto, remontam há muitos séculos antes disso. Começaram no ano 650 da nossa Era, apenas 18 anos após a morte do profeta Maomé. Uma delegação enviada pelo terceiro califa do Islã foi visitar o imperador chinês Yung-Wei. A delegação era chefiada por Assad ibn Waqqas, tio do profeta por parte de mãe (YANG, 2002).

As dificuldades e resistência contra essa implantação foram muitas e constantes. As relações entre muçulmanos e chineses se mostraram sempre extremamente mutáveis, com períodos de coexistência pacífica e outros caracterizados por conflitos sangrentos. Enquanto alguns imperadores encorajaram a imigração muçulmana, outros oprimiram os muçulmanos com brutalidade. Apenas durante a dinastia Ching (1644 – 1911), cinco guerras foram desencadeadas contra os muçulmanos chineses (YANG, 2002).

Mas, a mais severa repressão ao islamismo na China aconteceu em tempos bem mais recentes, durante a Revolução Cultural, de 1958 a 1976. Sob o moto maoísta “Destruir o velho mundo e construir um novo”, o islamismo, como todas as outras religiões implantadas na China, foi suprimido sem dó nem piedade.

Nesse período, quase todas as mesquitas e instituições islâmicas foram destruídas ou privadas das suas funções religiosas, e quase todo o clero eliminado. No oeste da China, onde se concentra a maioria dos muçulmanos do país, o Partido Comunista assentou dezenas de milhares de chineses da etnia han, com o objetivo de difundir a população muçulmana (VISENTINI, 2011).

Desde então, a situação mudou muito. A atual fase mais liberal do Partido Comunista Chinês, governante do país, permite a prática mais livre das religiões,

não somente aquelas autenticamente chinesas, como o taoísmo e o confucionismo, mas também as que vieram de fora, como o islamismo e o cristianismo.

2.4 PROTESTANTISMO

O protestantismo surge através do rompimento de alguns dogmas da Igreja Católica, o nome “protestante” origina-se dos protestos dos cristãos no século XVI contra as práticas da Igreja Católica. Esse nome em alguns países foi substituído por “evangélico” como é o caso do Brasil. Retirando o conceito polêmico da palavra e dando uma característica mais universal e positiva (SILVA, 2011).

Liderado por Martinho Lutero, os principais motivos para ruptura e o surgimento desse movimento foram às práticas ilegais da Igreja Católica, as divergências em relação a adoração de imagens, o celibato, as missas na época em latim, a autoridade do Papa (STEINGRABER, 2013).

Para os protestantes, cada indivíduo pode se relacionar diretamente com Deus, sem a necessidade de um intermediário, ao contrário da fé católica, que acredita que é preciso dos ritos para obter a salvação a partir dos sacramentos, e pela intermediação de pessoas santificadas (bispos, padres). Já os protestantes creem que a salvação é seguida por meio da graça e bondade de seu criador.

Além do mais, defendem que a única autoridade a ser seguida é a “Palavra de Deus”, existente na Bíblia Sagrada. Que através da ação do Espírito Santo, os cristãos ao lerem a Bíblia teriam uma maior interação com Deus. Por meio disso, a partir da Reforma Protestante, a Bíblia foi traduzida para diversas línguas (SILVA, 2011).

O evangelismo (protestantismo) iniciou na China no século XVIII e cresceu extensivamente também depois da Guerra de Ópio 1840 (a invasão da Grã-Bretanha na China, 1840-1842). Até 1997, havia mais ou menos 10 milhões de fiéis, 18.000 clérigos, pastores e pregadores, 12.000 igrejas e 25.000 locais de encontros evangélicos (FILHO, 2017).

O protestantismo é a vertente do cristianismo que mais floresce na China por causa de seu caráter não-hierárquico e popular - qualquer um pode pregar o Evangelho e vários chineses abraçam essa possibilidade com fervor. A grande maioria dos protestantes não é vinculada a nenhuma das denominações tradicionais, como Batista ou Presbiteriana, e se integra a pequenos grupos que surgem de modo independente (REVISTA IHU ON-LINE, 2018).

Os protestantes tendem a atitudes mais cívicas – são, por exemplo, mais propensos a pagarem impostos ou evitarem a corrupção –, e suas organizações prestam uma série de serviços sociais (a idosos e famílias carentes, por exemplo) onde o Estado não chega (FILHO, 2017).

2.5 CATOLICISMO

O cristianismo chegou à China em meados dos anos 635 d.C., período da dinastia Tang. O Vaticano enviou as primeiras delegações no ano de 1245, durante a dinastia Yuan. Mesmo tendo várias perseguições ao longo das diversas dinastias, os esforços dos missionários aconteceram durante séculos e o cristianismo conseguiu permanecer (FILHO, 2017).

Diferente das outras religiões oficiais na China, o catolicismo é um tanto complicado, devido ao fato que, mesmo mantendo relações diplomáticas com 174 países, inclusive com a China, a Santa Sé, situada na cidade do Vaticano, estreitou relações diplomáticas após a instauração do Partido Comunista da China, mas em 1951 as relações com a República Popular da China ficaram um tanto complicadas chegando a ruptura (CARLETTI, 2007).

Em 1929 foi criado o Estado do Vaticano, quando o governo italiano e a Santa Sé assinou um acordo, que é conhecido como o “Tratado de Latrão”, esse tratado visou regulamentar um conjunto de regras em relação à Igreja e o Estado, com a finalidade de pôr fim a uma disputa territorial que durava décadas (Portal São Francisco).

Desse modo, o estado é localizado no município de Roma, mas é totalmente independente da Itália, tendo o Papa como autoridade maior. Com a concordata de 1929, a presidência da Itália se comprometeu a financiar o clero regular e pagar uma grande quantia de dinheiro para compensar a Igreja de perdas territoriais. Além disso, o catolicismo foi reconhecido como a única religião do Estado, e a Igreja, por sua vez reconheceu a legitimidade do Reino da Itália e Roma como sua capital (MURATA, 2005).

Após esse acordo de 1929, foi estabelecido pela Igreja e o governo italiano que era preciso ser modificado algumas disposições deste acordo. Então, em 1984 com o novo Tratado foi estabelecido que a religião católica não é mais reconhecida como uma “religião de Estado” italiano, através do princípio de que todas as igrejas

são iguais e cada uma pode realizar e organizar seu trabalho livremente dentro da lei (LIBANIO, 2005).

Além disso, com base no novo concordata, as escolas italianas não eram mais obrigadas a ensinar a religião, porém o aluno é livre para seguir ou não as lições religiosas. Foi também abolido o financiamento estatal para a Igreja Católica.

O Vaticano é um dos menores estados do mundo, seu território abrange menos de meio quilômetro quadrado (0,44 km²) e é habitado por aproximadamente 800 pessoas. Possui também vários edifícios e igrejas localizadas no município de Roma. É importante ressaltar que estes bens eclesiásticos são isentos do pagamento de impostos e taxas (LIBANIO, 2005).

O Papa é eleito por voto secreto, pelo Colégio de Cardeais em conclave (isso ocorre quando há uma renúncia de Papado, ou após a morte de um Papa, na Igreja Católica Romana), não é apenas um chefe de Estado, mas também a suprema autoridade religiosa da Igreja Católica, que possui aproximadamente 900 milhões de fiéis em todo mundo (LIBANIO, 2005).

Com a fundação da República Popular da China, em 1949, o catolicismo foi controlado por missões religiosas de 10 países diferentes, e os sacerdotes chineses não possuíam espaço dentro da religião. No início da década de 1950, grandes números de católicos chineses analisaram a história do catolicismo e decidiram começar um movimento patriótico. Esse movimento permitiu a Igreja Católica Chinesa e sua administração por católicos chineses, religião essa que diferencia em alguns quesitos da religião católica Romana, por não ter o Papa como referência de Líder religioso, sendo essa controlada pelo governo Chinês (KORTE, 2009).

Além disso, desde que houve essa ruptura há tentativas de reaproximação, mas que até então não conseguiram reatar essas relações diplomáticas. O maior dos obstáculos é o fato de que, o governo chinês não aceita que haja interferência do Papa, um chefe de Estado, mesmo sendo espiritual em território chinês (CARLETTI, 2007).

Para o Estado Chinês, tendo o Papa como chefe espiritual de uma religião no país, poderia haver uma violação da soberania do país, e por isso, não querem nenhum tipo de intervenção. Mas, podemos destacar que em outros países que os católicos estão presentes não consideram o Papa como algo perigoso e nocivo a soberania do país (CARLETTI, 2007).

Além do mais, a soberania de uma nação é constantemente desafiada por outras restrições, como a acesso a recursos estratégicos ou a capacidade de fixar e controlar seu ciberespaço. Esta soberania, no entanto não é auto definida ou estável, mas está sujeita a lutas por poder. A RPC é uma entidade soberana, reconhecida por muitos Estados, até mesmo com os EUA, que mantém uma relação conturbada (MURATA, 2005).

Desse modo, nenhuma potência ou lobby (grupos de interesse) estrangeiro podem impor pré-condições para um diálogo entre a China e a Santa Sé, e nem interferir nele. Podemos destacar que também que a soberania do Papa não é apenas uma estratégia mundana para protegê-lo e preservar a Igreja do poder secular, mas é também uma categoria teológica com a intenção de revelar a verdadeira pessoa de Cristo, que já está, embora ainda não totalmente, presente neste mundo (REVISTA IHU ON-LINE, 2018).

É preciso lembrar que o relacionamento entre a Roma e Beijing sempre foi complicado, a dinastia Qing não era comunista nem atea e mesmo assim a contenção dos ritos chineses foi uma experiência traumática. Sendo assim, o Papa e o governo chinês não são os primeiros a vivenciar esse processo e, por vezes desafiador e doloroso, mas, que estão buscando essa reaproximação (VISENTINI, 2011).

As preocupações atuais da Santa Sé incluem a liberdade religiosa, o desenvolvimento internacional, o meio ambiente, o Oriente Médio, a China, o declínio da religião na Europa, o terrorismo, o diálogo inter-religioso e a reconciliação, e a aplicação da doutrina da Igreja em uma época de mudanças rápidas e globalização (VISENTINI, 2011).

2.5.1 A Associação Patriótica

Os católicos chineses estão divididos em Igreja “patriótica”, criada pelo Governo comunista, mas não reconhecida por Roma, e uma Igreja “clandestina”, conhecida também como subterrânea que tem ligação com o Papa (NÓBREGA, 2018).

A Igreja Católica na China é reconhecida pela lei como foi dito anteriormente, mas o governo comunista não permite que os bispos sejam nomeados pelo Papa, apenas reconhece a Associação Patriótica, cujos bispos são designados pelo próprio governo (BRUGGER, 2010).

Isso ocorreu desde que os comunistas chegaram ao poder, e com o advento da Revolução Cultural, as religiões foram severamente reprimidas no país. Apenas após a morte de Mao Tsé-Tung, as autoridades reconheceram as religiões ditas como oficiais. Mesmo tendo certa liberdade religiosa, em todo país é controlada pela ordem pública e pela obediência às leis vigentes, que variam segundo cada região (BRUGGER, 2010).

Assim como todo regime autoritário, o PCC quer decidir quem deve ser ordenado bispo ou não, mesmo isso sendo contrário à prática milenar da Igreja Católica. Para a Igreja Católica os bispos são sucessores dos apóstolos, e estão em comunhão com o sucessor de Pedro, ou seja, o Papa (LIBANIO, 2005).

Os sacerdotes da Igreja patriótica são convidados com certa frequência pelo governo a participarem de formações de interpretações socialistas da doutrina cristã, para alguns é uma tentativa de fazer uma lavagem cerebral, mas para outros são situações normais, e que já vão sabendo, e não devem compartilhar de tais ensinamentos (NÓBREGA, 2018).

Para isso, é preciso que sejam novos bispos sejam nomeados pelo Pontífice, mesmo sendo designados em outra instância, seus nomes devem ser propostos ao Papa para que este os reconheça como bispos católicos (LIBANIO, 2005).

Dessa maneira, o Pontífice não admite que os bispos sejam nomeados pelo governo de um Estado que se professa ateu - concretamente, pelo Partido Comunista da China.

2.5.2 A relação do Comunismo e ateísmo

No início da RPC o fenômeno religioso não era visto como uma preocupação dos líderes comunistas. Pois, antes eles viam através de um pensamento marxista, a religião como o ópio do povo. A princípio o governo queria afastar a China dos inimigos imperialistas e os estrangeiros (CARLETTI, 2007).

Com essa prioridade, Carletti destaca que os primeiros ataques a missionários católicos estrangeiros aconteceram a partir de 1949, e não eram guiados pelo desejo de destruir as religiões a favor do ateísmo, mas pelo fato de almejar atacar todos os estrangeiros que para os comunistas estavam ligados às forças imperialistas ocidentais (CARLETTI, 2007).

Devido a esses fatores, afirmar que o comunismo é necessariamente ateu é um tanto complicado, pois nem sempre isso ocorre, ele não é um ramo do

ateísmo. Portanto, a ideia de que o comunismo é essencialmente ateu é errônea (MACHADO, 2013).

Segundo Machado (2013) o marxismo-leninista, encontrada na União Soviética como um tipo de filosofia que Marx defende a “religião como o ópio do povo”, que leva as pessoas a aceitar o sofrimento na Terra, na esperança da recompensa eterna, e por isso, que promovem o ateísmo e defende que a religião deve ser abolida é negada por outros autores.

Bento (2016) ressalta em seu livro que Michael Lowy afirma em seu artigo intitulado “Marx e Engels como sociólogos da religião” que a frase “religião como ópio do povo” não foi criada por Marx. Esta afirmação foi desenvolvida antes dele, e é preciso que tenha uma visão mais crítica para compreender que Marx pode ter feito referência a “religião em duplo caráter, contraditório, dialético” (BENTO, p. 15, 2018).

Essa frase é uma das afirmações mais importantes de Marx sobre religião, mesmo não sendo de criação dele. E por isso, é usada para “justificação do ateísmo político de certa esquerda para qual não haveria possibilidade de conciliação ente religião e revolução” (BENTO, p. 16, 2016).

Para Bento, “Marx podia ser ateu, mas o materialismo do marxismo não é crente nem ateu” (BENTO, p. 86, 2016). Portanto, dizer que o ateísmo é uma tese marxista é um erro. Mesmo Marx sendo ateu, o materialismo marxista é um materialismo leigo, pautado nas relações materiais de produção, não é um materialismo confessional (crente ou ateu) (BENTO, 2018).

2.5.2 Igreja Subterrânea: uma questão de fidelidade

Ser católico da igreja Subterrânea é ter sua vida e sua fé em risco a todo o momento. A Igreja católica Romana é perseguida, principalmente os seus bispos e padres. Muitos estão detidos, ou impedidos de exercerem o seu ministério. Há relatos de vários bispos que estão desaparecidos, presos, apenas por ser fiel a igreja de Roma (BRUGGER, 2010).

Um dos casos mais recente foi em 7 de julho de 2012, o bispo Auxiliar de Xangai no momento de sua nomeação anunciou publicamente que “*hoje deixarei de ser membro da Associação Patriótica Católica para aprofundar a ligação o vínculo com Roma, com o Papa, com a Igreja*”. Mas, depois desse pronunciamento nunca

mais foi visto, e não se sabe de seu paradeiro. Este bispo colocou em risco sua vida fazendo renúncia publicamente à estrutura criada pelo Partido Comunista (REVISTA IHU ON-LINE, 2018).

Todavia, muitos que estão “livres” recorrem à clandestinidade para poder exercer sua fé de forma oculta, correndo perigo e colocando sua própria vida em risco, por não gozar de direito algum, os bispos e padres reúnem-se nas casas dos fiéis ou em esconderijos para realizarem os cultos (BRANCO, 2016).

A Igreja Católica fiel a Roma (igreja subterrânea) é perseguida pelo governo chinês, há relatos de bispos que foram desaparecidos e os bispos que não podem exercer o seu ministério livremente, estão sob prisão domiciliar, e tem suas vidas vigiadas a todo instante. Existe a ordenações sacerdotais, mas ocorre de maneira clandestina, sem que ninguém ligado ao governo ou cidadãos da igreja saibam (BRANCO, 2016).

Os católicos da igreja Subterrânea não têm nenhuma liberdade de culto, desde que foram rompidas as ligações da Santa Sé com a China em 1951, dois anos depois da chegada ao poder dos comunistas que expulsaram os clérigos estrangeiros. Deste então, foram feitas várias tentativas de reconciliação, porém sem sucesso (CARLETTI, 2007).

Há alguns anos, a Santa Sé trabalha em um acordo para o restabelecimento das relações diplomáticas com a China. O Papa João Paulo II tentou fazer uma visita à China, mas não conseguiu, seu sucessor Bento XVI também teve o mesmo desejo (CUNHA, 2015).

Em 2007 o Papa Bento XVI escreveu uma carta destinada aos católicos chineses, seguindo a doutrina do Concílio Vaticano II, mostrando que a Igreja Católica não reivindica nenhum poder político, e ressalta que quer trabalhar em harmonia e lealdade pelo bem comum. E com isso, ele crer que em condições os católicos podem cooperar com os organismos do Estado.

De acordo com a carta do Papa Bento XVI aos chineses:

Não é segredo que a Santa Sé, em nome de toda a Igreja Católica e, creio eu, para o benefício de toda a família humana, espera a abertura de alguns forma de diálogo com as autoridades da República Popular da China. Uma vez superados os mal-entendidos do passado, esse diálogo nos permitiria trabalhar juntos pelo bem do povo chinês e pela paz no mundo. Essa situação de incompreensão e incompreensão pesa muito, atendendo aos

interesses das autoridades chinesas e da Igreja Católica na China. Que a China tenha a certeza de que a Igreja Católica sinceramente se propõe a oferecer, mais uma vez, um serviço humilde e desinteressado nas áreas de sua competência, para o bem dos católicos chineses e para o bem de todos os habitantes do país (BENTO XVI, 2007).

Outra tentativa de reaproximação foi com o Papa Francisco, em 2014, em sua visita à Coreia do Sul, o Santo Padre enviou um telegrama ao presidente da China, XI Jinping, quando o seu avião sobrevoava o espaço aéreo do país com o desejo de expressar-lhe seus melhores desejos e enviar bênçãos para todo território chinês.

O fato do Papa ter tido permissão de sobrevoar o território chinês foi considerado como um pequeno avanço nas relações entre os dois Estados, devido ao fato que o Papa João Paulo II não pode sobrevoar esses mesmo espaços durante suas viagens à Ásia.

Recentemente, em setembro de 2018 o Papa Francisco reconheceu oito bispos chineses indicados pela China e que até então não eram admitidos oficialmente pela Santa Sé, essa aproximação é um marco e a decisão foi tomada durante um acordo histórico provisório sobre a designação dos bispos, alcançado entre estes dois Estados, sem relações diplomáticas desde 1951 (VALENTE 2018).

A presença dos bispos chineses nos órgãos da Igreja era algo almejado há anos, até então nenhum Bispo da China Continental pôde estar presente no Concílio Vaticano II, nem nos Sínodos realizados até agora. Com esse Acordo Provisório alcançados no dia 22 de setembro de 2018, a Santa Sé aprovou os bispos nomeados pelas autoridades chinesas, considera à plena comunhão eclesial ordenada sem mandato pontifício e estabelece o sistema de nomeação de novos bispos que regerá na China (LIBANIO, 2005).

Papa Francisco envia uma carta aos Católicos chineses e fala sobre o Acordo Provisório, sendo então um grande avanço entre as relações da China com o Vaticano, em suas palavras:

Nos últimos tempos, circularam muitas vozes contrastantes sobre o presente e, principalmente, sobre o futuro das comunidades católicas na China. Estou ciente de que semelhante tropel de opiniões e considerações possa ter criado não pouca confusão, suscitando sentimentos contrapostos em muitos corações. Nalguns, surgem dúvidas e perplexidade; outros vivem a sensação de ter sido como que abandonados pela Santa Sé e, ao mesmo tempo, colocam-se a questão pungente do valor dos sofrimentos que enfrentaram para viver na fidelidade ao Sucessor de Pedro. Em muitos outros, ao

contrário, prevalecem expectativas positivas e reflexões animadas pela esperança dum futuro mais sereno para um testemunho fecundo da fé em terra chinesa (FRANCISCO, 2018).

O Papa afirma em sua carta o desejo desta reconciliação:

Tal situação tem-se vindo a acentuar sobretudo a propósito do Acordo Provisório entre a Santa Sé e a República Popular Chinesa que, como sabeis, foi assinado em Pequim nos dias passados. Num momento tão significativo para a vida da Igreja e através desta breve Mensagem, antes de mais nada desejo assegurar que vos tenho diariamente presente nas minhas orações e partilhar convosco os sentimentos que moram no meu coração (FRANCISCO, 2018)

O Papa Francisco agradece e demonstra esperança em ter de volta um diálogo e acabar com essas difíceis e dolorosa situação para os fiéis católicos.

Assim continuemos a manter o olhar fixo no exemplo de tantos fiéis e Pastores que não hesitaram em oferecer o seu belo testemunho (cf. 1 Tim 6, 13) pelo Evangelho, chegando ao dom da própria vida. Devem ser considerados verdadeiros amigos de Deus (FRANCISCO, 2018).

Houveram outros Papas que também buscaram a reconciliação chinesa, o histórico longo, mas por questões de espaço, evidenciou-se apenas os mais recentes. Todavia, há outros trabalhos que dão mais ênfase nessas relações diplomáticas, cita-se aqui para maiores informações acerca do tema em questão CARLETTI (2007), em sua tese “Diplomacia e Religião: Encontros e desencontros na relação entre a Santa Sé e a República popular da China de 1949 a 2005”.

3. A MISSÃO NA CHINA

Este capítulo apresentará primeiramente um fato histórico sobre as primeiras missões na China, seguido da importância do primeiro missionário chinês que deixou seu legado e admiração para todos os cristãos no país. Além disso, uma entrevista com missionários jesuítas que estiveram no país em tempos distintos, e informações importantes de um jesuíta chinês e por isso, explicará a importância do sigilo de informações. Por fim, será feita uma análise e discussão sobre as questões e respostas da entrevista.

As missões na China começaram em meados dos séculos XVI e XVIII quando os Jesuítas chegaram ao Império Chinês para desenvolver um trabalho missionário de conversão que já estava presente em todo o mundo. No entanto, neste caso apesar de os jesuítas terem sido bem aceitos por uma parte da população, seu trabalho não conseguiu ser 100% significativo pelo fato de haver uma grande densidade demográfica, bem como uma certa dificuldade devido a influência da cultura chinesa. Por outro lado, independente da missão, a aceitação dos jesuítas pelos Chineses foi muito relevante devido à contribuição enquanto acadêmicos e cientistas. (PALAZZO, 2011)

Matteo Ricci, o primeiro missionário Jesuíta, ficou conhecido como um dos fundadores do catolicismo na China, por desenvolver um trabalho de evangelização. Ele foi classificado pelos Chineses como um dos brilhantes homens da história, por seu grande apreço, admiração e respeito pela cultura local. Além disso, por ter um vasto conhecimento acerca de diversas áreas, como o idioma, teologia, matemática, astrologia, arte, literatura (PALAZZO, 2011).

Um dos pontos positivos da aceitação dos Jesuítas pelos Chineses foi o fato de não questionarem a autoridade política e a legitimidade do Imperador. O que sem dúvida contribui para uma aproximação mais harmônica com a elite e também por deixarem subentendido através de suas práticas que eles não almejavam nenhuma imposição de doutrina religiosa por meio de sua missão.

Em consequência disso, hoje à comunidade cristã no país vem passando por um forte crescimento do seu discipulado, apesar de não ter números exatos. Mas,

ainda está distante do objetivo desejado pelos cristãos, devido às tensões já citada entre o Governo Chinês e o Vaticano.

Atualmente, o Papa Francisco, por ser um Jesuíta e pela forma com que começou o Papado, tornou-se a figura mais notáveis do século XXI. Em seus primeiros discursos, declarou o quanto ansiava por uma Igreja pobre e para os pobres, e suas prioridades reverberam dentro da política mundial e no seio das sociedades em todo o mundo.

Por ser muito difícil compreender a relação entre Estado e Igreja na China, a partir de uma visão exógena, buscou-se analisar através de pessoas que vivenciaram essa experiência. Os participantes que contribuíram para esta pesquisa foram missionários da Companhia de Jesus que tiveram no país chinês em períodos distintos, e um padre que foi representante do Brasil no Vaticano.

3.1 A ENTREVISTA

Para este trabalho acadêmico, a entrevista desempenhou um papel fundamental, pois trouxe de forma detalhada a realidade da religião católica na China e obteve os resultados importantes para a pesquisa.

Segundo Bauer e Gaskell (2000), a compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguns achados específicos. Foi neste sentido que as entrevistas trouxeram detalhes sobre o tema em questão.

O método usado foi semiestruturado, partindo do pressuposto que os entrevistados possuíam conhecimento necessário, de modo a satisfazer o pesquisador. Foram elaboradas 11 perguntas específicas sobre o tema: “As relações diplomáticas entre a China e a Igreja Católica”, que se encontram em anexo.

O objetivo da entrevista foi buscar informações que são de difíceis acessos, específicas e que só seria possível serem levantadas por aqueles que vivenciaram essa experiência no país em questão. Esta técnica é a mais flexível de todas as técnicas de coletas de dados que dispõem as ciências sociais.

Devido ao fato dos entrevistados morarem em outros estados e mesmo países – além das dificuldades devido aos seus horários – as entrevistas não foram ao vivo, mas elaboradas e enviadas aos missionários. No entanto, apenas o primeiro entrevistado respondeu o questionário e apresentou riquezas de detalhes que serão

apresentadas logo abaixo. Para a segurança e sigilo das informações será usada abreviação em suas citações (M.R, 2018), referente às iniciais dos seus nomes e o ano da entrevista.

O segundo se restringiu as respostas alegando que ficou em uma área restrita e não teve contato com a população chinesa como missionário, apenas como estudante. Era camuflado na população e ficou na cidade por pouco tempo no ano de 2005, cuja intolerância para com os Jesuítas ainda era grande, segundo o entrevistado (B.A ,2018).

O terceiro participante mesmo não respondendo as questões, traz informações importantes e preciosas para esta pesquisa. O padre que foi representante do Brasil no Vaticano entrou em contato com um Jesuíta Chinês para que pudesse ajudar nas questões relevantes sobre o tema. Seu papel foi fundamental, uma vez que serviu de mediador entre o pesquisador e o entrevistado no levantamento das informações.

Entretanto, o Jesuíta Chinês chegou a responder as perguntas, mas não às enviou. Uma vez que foi aconselhado por seu Superior a não enviar e também a não oferecer nenhuma informação acerca da religião na China. Visto que poderia atrapalhar o processo de negociações entre o Governo Chinês e o Vaticano.

Segundo o Padre, que fez o papel de mediador, todos os missionários e demais autoridades religiosas estão impedidos de oferecer dados para evitar tensões. Esta informação oferece uma perspectiva impressionante das relações entre o Estado chinês e a Igreja, uma vez que, mesmo no que se refere a uma pesquisa acadêmica, há uma preocupação profunda da forma e conteúdo das informações que são compartilhadas.

3.2 SIGILOS DAS INFORMAÇÕES

Dado a complexidade da situação sobre a religião na China e o fato de ainda estarem tentando uma reaproximação entre o Estado e o Vaticano, durante a entrevista foi necessário o sigilo das informações por parte dos entrevistados. Compreende-se, devido à resposta oferecida pelo terceiro entrevistado, que o entrevistado M.R. não consultou nenhum tipo de conselheiro, apenas cedendo suas respostas e seu ponto de vista, ora explorados.

Dessa forma, foi uma preocupação desse trabalho preservar sua imagem e demais informações que remetessem à sua identidade. Tal preocupação converge

com um elemento fundamental do uso de entrevistas como metodologia de pesquisa. Para Richardson (1999), é preciso assegurar o anonimato do entrevistado e o sigilo das respostas, sempre que o tema for sensível, ou quando solicitado. Embora as respostas estejam aqui exploradas para os fins das inferências da pesquisa, o sigilo dos participantes mostrou-se necessário, visando sua própria integridade.

3.3 APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Mesmo em meio aos conflitos e intolerância religiosa existente na China, o entrevistado ofereceu detalhes sobre sua missão como padre em um país considerado ateu, que vive um forte controle sobre as religiões e principalmente o catolicismo.

O questionário foi iniciado perguntando a respeito da experiência vivida por ele como católico e como missionário, sua resposta evidenciou consideravelmente o que o texto trouxe na introdução a respeito do crescimento chinês e sua influência no cenário mundial.

Até ter a oportunidade de viver nesse país, eu ignorava a importância da China para sermos quem somos. O mundo jamais seria o mesmo sem a influência central da civilização chinesa. São cinco mil anos de cultura. A China como potência geopolítica unificada existe há dois mil e duzentos anos. Sempre foi o país mais populoso do mundo. Sempre exerceu uma influência determinante sobre os seus vizinhos. Somente com o confronto com o ocidente nos séculos XVIII e XIX a China perdeu sua força. E agora voltou a se tornar a potência que costumava ser. Ou seja, nos anos que eu vivi na China tive que aprender a mover-me numa cultura muito diferente e com um passado, uma solidez muito maior que a minha. Foi difícil humanamente, foi desafiadora de minhas crenças como pessoa, não apenas como padre e missionário (R.M., 2018).

Podemos analisar em sua resposta o quanto foi desafiador ter a oportunidade de viver em um país com cinco mil anos de cultura e o mais populoso do mundo. Mesmo sendo membro de uma instituição milenar como a Igreja Católica, considerou o passado chinês muito mais sólido. Além disso, destacou a diversidade cultural como algo positivo.

Ainda sobre a primeira pergunta, R.M. (2018) afirmou que enquanto missionário católico, o que lhe ajudou foi desde o início se afiliar à tradição de Matteo Ricci, corroborando com o que foi citado acima sobre o quanto Ricci é respeitado pelos chineses.

Ele sempre tratou a China com profundo respeito, e sabia que antes de converter os Chineses era preciso aprender com a China (R.M., 2018).

Outro fator importante foi à forma com que ele se posicionou enquanto cristão e evangelizador. Afirmando que:

Eu nunca pensei em posicionar-me de forma proselitista, acredito que a melhor forma de evangelização é o exemplo e a presença fraterna, solidária. Dentro dessa perspectiva, a vida na China foi ficando cada vez mais simples (R.M., 2018).

Ao responder sobre os impactos e dificuldades vividos como religioso, R.M. (2018) trouxe um interessante e curioso fato. Ao morar em Taiwan, e esta ter certa liberdade religiosa, a maioria da população não conhecia Jesus Cristo, e ainda ressaltou que na China é raro quem saiba da vida e dos ensinamentos de Cristo. O que para ele foi desafiador, declarando que:

Isso me fez voltar à raiz, às origens, às formulações mais básicas da fé e da doutrina. Acredito que faz sentido viver no amor e no perdão, é isso que Jesus Cristo ensinou e que eu podia com simplicidade passar aos meus amigos Chineses (R.M., 2018).

Confirmando com o que foi encontrado na literatura e citado na presente pesquisa, o entrevistado foi questionado se a igreja católica era tão frequentada quanto as outras religiões. Segundo ele:

Não. O Taoísmo é a religião típica chinesa, e mesmos os mais descrentes aderem a algum elemento Taoísta em sua vida diária. O budismo, de origem indiana, sinizou-se de forma impressionante, são estes os templos mais frequentados. As Igrejas Católicas têm uma adesão grande, mas não chegam nem perto da influência do budismo (R.M., 2018).

Na literatura, foi citado que o Taoísmo era menor apenas que o Budismo. Mas segundo o entrevistado, o Taoísmo é a mais frequentado, seguida do Budismo, e estas são as mais importantes religiões chinesas. Entretanto, um dado importante é a adesão da Igreja Católica, mesmo sendo em pequena escala, reúne-se aproximadamente 12 milhões. Mas se comparar com a quantidade da população, esse número ainda se torna pequeno.

Outro fato importante para a pesquisa foi à carta do Papa Bento XVI, a mesma que é comentada por R.M. (2018), quando foi questionado sobre a relação da Igreja Patriótica e a Igreja Subterrânea. Segundo ela:

Até então, a relação é tensa. Já foi muito pior, melhorou com a Carta à China do Papa Bento XVI e acredito que melhorou com o Papa Francisco. Em diversos lugares há uma relação de fraternidade entre o bispo

clandestino e o bispo oficial – Shanghai seria o melhor exemplo disso (R.M., 2018).

Com isso, atualmente, podemos apontar a importância do Papa Francisco para a Igreja Católica na China, existindo uma esperança de retorno no diálogo rompido em 1951. Ainda ressaltando a sua importância não só para a Igreja Católica, mas também para o mundo. Além disso, podemos listar que não é apenas o seu poder político e diplomático, mas também o seu poder de inspiração que está sendo visto muito positivo para a comunidade cristã. E isso vem acontecendo de uma forma muito impressionante.

Seguindo ainda sobre a relação entre a Igreja Patriótica e a Clandestina, R.M. (2018) destaca que os bispos antigos que viveram a pior fase da Igreja Clandestina estão se despedindo. Com isso, ocasionará o enfraquecimento progressivo da mesma, e acredita-se que a solução é trabalhar junto a Associação Patriótica, mesmo sendo o caminho cheio de ambiguidade.

Ao responder se havia uma real perseguição dos Católicos da Igreja Subterrânea, R.M. (2018) afirmou que sim. Porém, alguns mais que outros, e que quanto mais perto de Pequim, mais tensas eram essas relações. Segundo ele:

Sim. Mais em certos lugares que outros. Há muitas configurações, na verdade. Há lugares onde só há igreja clandestina. Em outros locais, apenas igreja oficial. Quanto mais próximo de Pequim, mais tensa a relação entre as duas formas de ser igreja (R.M., 2018).

Portanto, de acordo com a literatura e apontada nesta pesquisa, existe uma cerrada perseguição aos católicos fieis a Igreja Católica Apostólica Romana. Foi perguntado se ele frequentou algumas celebrações sobre essa forma de ser Igreja. Segundo ele, para não se expor, não chegou a participar dessas missas.

Uma vez que, o governo sempre grava as celebrações para ter um maior controle, e quaisquer participantes novos chamam muito a atenção. E, geralmente, quando há perseguição, as celebrações acontecem nas casas. Na maioria das vezes não passam de 12 pessoas para evitar suspeitas dos fiscalizadores.

Ao ser questionado qual seria a maior diferença entre as duas Igrejas Católicas, o entrevistado responde que não há diferença de culto. Para ele:

Não são duas religiões. Há uma divisão imposta pelo controle político. A diferença está na forma como essas comunidades se relacionam e aceitam ou rejeitam o controle político imposto pelo governo da China (R.M., 2018).

Porém, ele ressalta que a diferença entre elas é apenas a legitimidade enquanto uma aceita ser controlada pelo governo e a outra recusa este controle. Contudo, não exista distinção alguma entre ambas.

Continuando no âmbito das duas igrejas, ao ser questionado sobre a existência de algum preconceito explícito entre os próprios católicos de ambas as igrejas, os entrevistados tiveram pontos divergentes.

Porém, para R.M. (2018) não existe preconceito, até discorda desta palavra, e afirma mais uma vez que há uma tensão, alguma forma de rejeição da Igreja Oficial pela Clandestina. Além do mais, reitera sobre a perseguição sofrida pelos que não aceitaram a imposição do regime comunista. Segundo ele:

Lembre-se que a comunidade que viveu no segredo sofreu perseguições, alguns foram presos, alguns bispos sumiram, e esses que sofreram sentem que foram traídos pelos que aceitaram as imposições do regime. Por outro lado, a associação patriótica conseguiu uma brecha para que a fé cristã, católica, fosse anunciada e celebrada abertamente. Não é uma situação simples e as respostas, as relações não são simples (R.M., 2018).

R.M. (2018) ressalta a forma como a Igreja Patriótica encontrou na China para celebrar abertamente seus cultos, e serem aceita. Embora exista toda problematização acerca das nomeações e controles do governo. Todavia, é a forma cabível para professar a fé sem correr o risco de perseguição.

Quando foi perguntado sobre a rivalidade entre as duas igrejas, primeiro, R.M. (2018) deixa muito claro que não concorda com o termo rivalidade, e segundo, ressalta que a pergunta é indicada de forma incorreta. Para ele existe apenas uma ruptura, e ainda precisa de um trabalho doloroso de reconciliação.

Para ter um maior controle das religiões, R.M. (2018) reforça que o governo fiscaliza a clandestinidade por ação policial em diversas formas, investigando, observando, interrogando os informantes, dentre outros.

Em relação aos sacramentos da Igreja Patriótica, foi perguntado se são válidos, uma vez que a Igreja não tem vínculo e os Bispos não são nomeados pelo Papa. Mas, M.R. (2018) reforça a importância dos sacramentos para a igreja em si. Segundo ele:

Curioso, antes de mais nada eu diria que os sacramentos são significativos, eles alimentam a vida das comunidades. A questão da validade é a questão do vínculo da ordenação, que existe. Formalmente são válidos, até porque Roma e a Associação Patriótica colaboraram na ordenação de diversos bispos em comum. Mas o mais importante é que a vida das comunidades católicas na China tem uma força admirável, sobretudo em comunidades mais carentes. E os sacramentos alimentam a vida de muitas pessoas (R.M., 2018).

Mesmo a Igreja Patriótica não tendo relação com o Vaticano, os sacramentos realizados têm sua validade e são importantes para alimentar a vidas das comunidades. A única ressalva é devido às nomeações dos Bispos, uma vez que não são ordenados pelo sucessor de Pedro. Entretanto, esse é um dos obstáculos para o restabelecimento das relações. Embora, desde 2006, o governo não nomeie mais Bispos sem a aprovação do Pontifício.

O Papa Bento XVI em sua carta aos chineses afirma que os fiéis devem:

Na medida do possível, procurar Bispos e sacerdotes que estejam em comunhão com o Papa podendo eles ser ou não reconhecidos pelas autoridades civis, desde que este reconhecimento estatal não suponha a negação de princípios irrenunciáveis da fé e da comunhão eclesial (BENTO XVI,2007).

Contudo, quando os fiéis não conseguirem encontrar sacerdotes reconhecidos pelo Vaticano, *“podem, por exigência do próprio bem espiritual, dirigir-se também àqueles que não estão em comunhão com o Papa.”* (BENTO XVI,2007).

Por fim, o entrevistado destaca sobre a importância do preparo dos missionários, que deve abranger o estudo teológico, missiológico e aprendizado linguístico. Além do mais, a seriedade que o vocacionado se comprometa com o aprendizado continuado para que consiga comunicar o Evangelho no ambiente de uma cultura e uma língua milenar.

3.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro resultado desta pesquisa com as respostas do entrevistado é o fato de que até então a literatura e tudo que mencionado corrobora com o que foi apresentado pelo entrevistado. Embora ainda exista uma ferida, uma ruptura, a Santa Sé e o Governo Chinês estão trabalhando para esta reconciliação.

Conclui-se também que não há uma diferença em relação aos cultos da igreja Subterrânea e a Patriótica, é apenas a questão da legalidade e da imposição do governo em relação às duas formas de serem igrejas. Além disso, todos os sacramentos da igreja patriótica são válidos assim como o da Subterrânea.

Por fim, com o recente Acordo, os fiéis que resistiram ao controle do governo estão esperançosos e acreditam que está perto de acabarem com essas divisões imposta. É um grande avanço para a Igreja Católica e a China, não há mais

negociações secretas, esse Acordo oficial reconhece a dignidade à Santa Sé e ao catolicismo chinês. Considera-se um grande sucesso do Papa Francisco, mesmo precisando de um empenho maior, o resultado é significativo. A China atualmente esta no auge de sua força política e econômica, absorvidas por tantas questões geopolíticas, e ter o representante do Papa entrando pela porta principal em Pequim é algo almejado há décadas, desde sua ruptura em 1951.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão não teve o intuito de fornecer respostas definitivas sobre as questões do catolicismo na China. No entanto, as informações encontradas na literatura são evidenciadas através do que foi revelado pelos entrevistados. Como exposto, a igreja católica na China está dividida entre Associação Patriótica e pela igreja Subterrânea. No qual, o Governo Chinês e o Vaticano estão tentando uma reaproximação, dentre as tentativas de diversos Papas, atualmente o catolicismo na China vive em um cenário de maior esperança de reconciliação.

Em consequência do recente acordo provisório (22 de setembro de 2018), que tem como finalidade resolver a questão da indicação de bispos, antes nomeados apenas pelo governo chinês. O resultado desse acordo é a aceitação pelo Vaticano de sete bispos que haviam sido nomeados pelos chineses sem o consentimento do Papa. Do outro lado, a China reconheceu pela primeira vez a autoridade do Papa como líder da Igreja Católica.

Foram encontrados também na literatura os riscos que os Ordenados da igreja católica Romana sofriam, eram suas vidas e fé em risco eminente, pois a perseguição inicialmente era muito grande, havia perseguição, alguns eram detidos e proibidos de exercerem seus ministérios. Até hoje há relatos de bispos que estão desaparecidos, presos, pelo fato de serem fiéis a igreja Romana.

Além disso, este trabalho também contribui e esclarece a sociedade acerca da realidade vivenciada por católicos em um país comunista, além do mais, contribui com a comunidade acadêmica referente a uma explicação de caráter político e social. Não obstante, o trabalho suscita ainda a necessidade de maior estudo por ser pouco debatido dentro da academia. Contudo, trouxe como maiores contribuições às informações apresentadas a respeito da igreja católica patriótica e a subterrânea, e as novas tentativas de reconciliação citadas pelo último entrevistado, essa esperança que ficou pairada no trabalho foi o maior e mais recente achado para toda população.

Através do relato dos entrevistados foi possível comprovar a hipótese levantada inicialmente neste trabalho, que há certa tensão entre a igreja católica (Vaticano) e a China. E é partindo dessa comprovação e aproveitando a grande esperança deixada neste que se sugere a continuação da pesquisa em busca de

novos resultados e do sucesso de informações no que se diz respeito às relações diplomáticas entre china e a igreja católica.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, J. **Guerra Fria-Terror de Estado, Política e Cultura**. Editora Moderna. Porto Alegre, 1997.
- BARKER, Eillen. **Religion in China: some introductory notes for the intrepid Western scholar**. pp, 109-132. Book section. LSE Research Online. Boston, USA: Brill, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. 448 p.
- BENTO XVI. **Carta do Santo Padre aos bispos, aos presbíteros, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos da Igreja Católica na República Popular da China**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2007/documents/hf_ben-xvi_let_20070527_china.html. Acesso em: 16 de nov. 2018
- BENTO, F. R. **Frei Betto e o Socialismo Pós-Ateísta**. Ed. Nomos. Porto Alegre, 2018.
- BENTO, F. R. **Marxismo e Religião: Revolução e Religião na América Central**. Paco Editorial. Jundiaí - SP, 2016.
- BRANCO, G. L. C., GOMES, E. S. L. **O ensino religioso e as tendências proselitistas dentro da sala de aula: princípios para a elaboração de técnicas que promovam a tolerância e o diálogo construtivo**. III Congresso nordestino de ciências da religião e Teologia. 2016, Recife – PE. Anais... Pernambuco: Recife, 2016. P. 804-823.
- BRUGGER, Winfried. **Separability, Equality, Approximation. Three models of the State-Church relationship**. Revista Direitos Fundamentais e Democracia, v. 7, n. 7, p.14-32, jan/ jun de 2010.
- CARTELLI, Ana. **Diplomacia e Religião: encontro e desencontros na relação entre a Santa Sé e a República Popular da China de 1949 a 2005**. Porto Alegre, 2007.
- CHERNG, W. J. **Iniciação ao Taoísmo**. Ed. Mauad Ltda. Vol 01. 2000.
- CHINA. Constituição de 4 de Dezembro. 1982. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_constituicao_chinesa_1982.pdf. Acesso: 19 nov. 2018.
- COUTO, Sérgio Pereira. **A Extraordinária história da china**. 1º ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- CUNHA, B. A. G., ALVES, R. V. S. **Liberdade Religiosa na China: Estudo de casos sobre o País Socialista**. Revista do CAAP. N 01. V. XX1. Pp 93-116. Uberlândia – MG, 2015.
- FENG, Huiyun. **Chinese Strategic culture and Foreign: Policy Decision Making - Confucianism, leadership and war**. Routledge: 2007.

FILHO, C. R. C. **Diálogo inter-religioso: perspectivas a partir de uma teologia protestante.** Revista horizonte, v.15, p. 112-133, jan./mar. Belo Horizonte- MG. 2017.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos Católicos chineses e à igreja universal. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/Papa-francesco_20180926_messaggio-cattolici-cinesi.html. Acesso em: 16 de nov. de 2018

FUMOTO, V. Lhasa: capital da região autônoma do Tibete e centro budismo. China Link. Set- 2017. <http://www.chinalinktrading.com/blog/lhasa-capital-regiao-autonoma-tibete/>. Em 02 de outubro de 2018.

GOMES, L. G. F. F. **Novela e sociedade no Brasil.** Niterói: EdUFF, 1998.

HAYNES, Jeffrey. An Introduction to International Relations and Religion. London, 2010

HERZ, Mônica. **Teoria das Relações Internacionais no Pós Guerra-Fria.** v. 40, n. 02, Rio de Janeiro, 1997.

HOUAISS, Antonio (Ed.). **Novo dicionário Folha Webster's:** inglês/português, português/inglês. Co-editor Ismael Cardim. São Paulo: Folha da Manhã, 1996.

HSUAN-NA, Tai. **Ideogramas e a Cultura Chinesa.** 2ª ed. São Paulo: É Realizações, 2006.

KNIGHT, Amy. **Como começou a guerra fria:** o caso igor gouzenko e a caçada aos espões soviéticos. 1ª ed. São Paulo, 2008.

KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). **Enciclopédia e dicionário digital 98.** Direção geral de André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5 CD-ROM.

KORTE, G. Crenças. Virtuuous Tecnologia da Informação, 2009-2018. Consultado em 02/10/2018 às 02:43. Disponível na Internet em <http://www.sohistoria.com.br/ef2/ccr/p4.php>

LIBANIO, J. B. **Concílio Vaticano II.** Ed. Loyola. Belo Horizonte- MG. 2005.

LYRIO, M. C. **A ascensão da China como potência:** fundamentos políticos internos. Ed. Funag. Brasília, 2010.

MACHADO, Jónatas E. M. **Estado Constitucional e Neutralidade Religiosa:** Entre o teísmo e o (neo)ateísmo. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2013.

MAURIZIO, Scarrari. "Antiga China- a civilização desde as suas origens até a dinastia Ming". 2003. Disponível em <<https://www.suapesquisa.com/historia/china/>>. Acesso em 24/08/2018.

MENDES, C. A. **Política externa:** as relações internacionais em mudança. **Revista República Popular da China.** Presented at the 2011. Coimbra, 2011.

MILLER, H. Lyman; LIU, Xiaohong. The Foreign Policy Outlook of China's 'Third Generation' Elite. In: LAMPTON, David. The Making of Chinese Foreign and Security Policy. pp. 123-150. Stanford: Stanford University Press, 2001.

MINGST, K. **Princípios das Relações Internacionais**. Ed. Campus, 6ªed. São Paulo, 2014.

MONTENEGRO, R. H. **Teoria das Relações Internacionais na China: Origem, evolução e Debates recentes**. GT 38 – Teoria e prática das relações sul-sul. ANAIS ANPOCS. Pernambuco, 2015.

MURATA, S. **O Tão do Islã**. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião. V. 08, n. 1. Juiz de Fora- SP. 2005

NÓBREGA, T. B. **Liberdade Religiosa e o proselitismo**. Revista âmbito jurídico. Rio Grande do Sul, 2018.

PALAZZO, C. L. **Os jesuítas na China: especificidades da missionação chinesa e contraponto com as atividades no Brasil**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa**. 1ª ed. Belo Horizonte: Unesp, 2003.

REN, Xiao. Toward a Chinese school of International Relations? In: WANG, Gungwu; ZHENG, Yongnian. China and the New International Order. pp. 293-309. New York: Routledge, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 327p. ISBN: 8522421110.

ROWLAND, R. **População, Desenvolvimento e estrutura social em perspectiva histórica: Os regimes Demográficos e Seus Contextos**. Revista Estudos Amazônicos. Lisboa – PT, 2013.

SANDER, W. Religion and human capital. Economic Letters, volume 75, p. 303-307 (2002).

SHOJI, R. Reinterpretação do Budismo Chinês e Coreano no Brasil. Revista de Estudos da Religião. Nº3, PP. 74-87. São Paulo – 2004.

SILVA, E. M. **Missionárias Protestantes: Gênero, Cultura, História**. Revista Brasileira da história das religiões. Anpuh, ano III, N 09 – ISSN 1983-2850. 2011

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <<http://www.xxx.com.br>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

SILVA, M. A. **Religiosidade, genealogias transnacionais e memórias compartilhadas de deslocamento: o caso do protestantismo chinês em Recife**. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia Volume 17, set.-dez. de 2008.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Revolução Republicana de 1911". 2005. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/china/revolucao-republicana-1911.htm>>. Acesso em 24/07/2018.

SUKUP, Victor. **A China frente à globalização**: desafios e oportunidades. Revista Brasileira de Política Internacional. v. 45, n. 02, jun, 2002.

TRAGTENBERG, M. **Burocracia e ideologia**. 2 ed. UNESP. São Paulo. 2006.

VAZ-PINTO, Raquel. **Religião e Direitos Humanos na China**. Relações Internacionais. Junho, 2008.

VISENTINI, Paulo. **As Relações diplomáticas da Ásia**: Articulações regionais e afirmação mundial (uma perspectiva brasileira). Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2011b.

XU, Jin. **The Two Poles of Confucianism**: A Comparison of the Interstate Political Philosophies of Mencius and Xunzi. In: YAN, Xuetong. Ancient Chinese Thought, Modern Chinese Power. pp. 161-180 Princeton: Princeton University Press, 2011.

YANG, F. "Religious Diversity among the Chinese in America". In Min, Pyong Gap; Kim, Jung Ha. Religions in Asian America: Building Faith Communities. Walnut Creek: Altamira Press, 71-98. 2002.

Apêndice 1

AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE A CHINA E A IGREJA CATÓLICA

1. COMO FOI A EXPERIÊNCIA VIVIDA NA CHINA COMO CATÓLICO E COMO MISSIONÁRIO?

Antes de mais nada, preciso falar de minha experiência humana na China. Até ter a oportunidade de viver nesse país, eu ignorava a importância da China para sermos quem somos. O mundo jamais seria o mesmo sem a influência central da civilização chinesa. São cinco mil anos de cultura. A China como potência geopolítica unificada existe há dois mil e duzentos anos. Sempre foi o país mais populoso do mundo. Sempre exerceu uma influência determinante sobre os seus vizinhos. Somente com o confronto com o ocidente nos séculos XVIII e XIX a China perdeu sua força. E agora voltou a se tornar a potência que costumava ser.

Ou seja, nos anos que eu vivi na China tive que aprender a mover-me numa cultura muito diferente e com um passado, uma solidez muito maiores que a minha. Foi difícil humanamente, foi desafiadora de minhas crenças como pessoa, não apenas como padre e missionário.

Enquanto missionário católico, algo que me ajudou muito foi desde o começo me afiliar à tradição de Matteo Ricci, o primeiro missionário jesuíta a se estabelecer em Pequim. Ele sempre tratou a China com profundo respeito, e sabia que antes de converter os Chineses era preciso aprender com a China. Eu nunca pensei em posicionar-me de forma proselitista, acredito que a melhor forma de evangelização é o exemplo e a presença fraterna, solidária. Dentro dessa perspectiva, a vida na China foi ficando cada vez mais simples.

2. QUAIS FORAM OS PRIMEIROS IMPACTOS E DIFICULDADES VIVIDAS COMO RELIGIOSO?

Eu precisei traduzir minha experiência para palavras muito simples sobre a fé. Inicialmente morei em Taiwan, estudando mandarim. Apesar de ser um local onde há liberdade religiosa, mesmo em Taiwan poucas pessoas sabem quem é Jesus Cristo. Na China, é raro quem saiba da vida e dos ensinamentos de Cristo. Isso me fez voltar à raiz, às origens, às formulações mais básicas da fé e da doutrina. Acredito que faz sentido viver no amor e no perdão, é isso que Jesus Cristo ensinou e que eu podia com simplicidade passar aos meus amigos Chineses.

3. A IGREJA CATÓLICA É TÃO FREQUENTADA COMO AS OUTRAS RELIGIÕES OFICIAIS

Não. O Taoísmo é a religião típica chinesa, e mesmos os mais descrentes aderem a algum elemento Taoísta em sua vida diária. O budismo, de origem indiana, sinizou-se de forma impressionante, são estes os templos mais frequentados. As Igrejas Católicas têm uma adesão grande, mas não chegam nem perto da influência do budismo.

4. COMO SE DÁ É A RELAÇÃO ENTRE A IGREJA PATRIÓTICA E A IGREJA SUBTERRÂNEA?

Meus dados são antigos, deixei a China em 2012. Até então, a relação é tensa. Já foi muito pior, melhorou com a Carta à China do Papa Bento XVI e acredito que melhorou com o Papa Francisco. Em diversos lugares há uma relação de fraternidade entre o bispo clandestino e o bispo oficial – Shanghai seria o melhor exemplo disso. Mas esses bispos estão quase todos despedindo-se de nós, eu acredito que a morte dos bispos antigos, que sofreram a pior fase da igreja clandestina, vai coincidir com um enfraquecimento progressivo dessa forma de ser igreja. Eu penso que o caminho inevitável para evitar um cisma é trabalhar com a Associação Patriótica, que é de fato cheia de ambiguidades.

5. HÁ UMA PERSEGUIÇÃO REAL NO DIA A DIA DOS CATÓLICOS DA IGREJA SUBTERRÂNEA?

Sim. Mais em certos lugares que outros. Há muitas configurações, na verdade. Há lugares onde só há igreja clandestina. Em outros locais, apenas igreja oficial. Quanto mais próximo de Pequim, mais tensa a relação entre as duas formas de ser igreja.

6. COMO OS CATÓLICOS DA IGREJA CLANDESTINA PROFESSAM SUA FÉ? COMO SÃO AS CELEBRAÇÕES EUCARÍSTICAS?

Nunca participei de uma celebração clandestina, portanto não sei dizer. Não quis me expor e nem expor essas comunidades, sei que era vigiado e traria atenção indesejada. Acredito que os rituais são os mesmos ou muito próximos dos realizados pelas igrejas oficiais. Geralmente são assembleias menores. Quando há perseguição, sei que essas celebrações acontecem nas casas, senão em igrejas mesmo.

7. QUAL A MAIOR DIFERENÇA EXISTENTE ENTRE AS DUAS RELIGIÕES CATÓLICAS?

Não são duas religiões. Há uma divisão imposta pelo controle político. A diferença está na forma como essas comunidades se relacionam e aceitam ou rejeitam o controle político imposto pelo governo da China.

8. EXISTE ALGUM PRECONCEITO EXPLÍCITO ENTRE OS PRÓPRIOS CATÓLICOS PERTENCENTES ÀS DUAS IGREJAS?

Não usaria a palavra preconceito. Havia tensão, alguma forma de rejeição da igreja oficial pela igreja clandestina. Lembre-se que a comunidade que viveu no segredo sofreu perseguições, alguns foram presos, alguns bispos sumiram, e esses que sofreram sentem que foram traídos pelos que aceitaram as imposições do regime. Por outro lado, a associação patriótica conseguiu uma brecha para que a fé cristã, católica, fosse anunciada e celebrada abertamente. Não é uma situação simples e as respostas, as relações não são simples.

9. EXISTE ALGUMA RIVALIDADE ENTRE A IGREJA CATÓLICA PATRIÓTICA E A SUBTERRÂNEA?

Novamente, discordo da palavra usada na pergunta. Acho que essa forma de perguntar indica uma perspectiva incorreta. Não acho justo buscar preconceito ou rivalidade entre essas comunidades. Há uma ferida, uma ruptura, e um trabalho doloroso de reconciliação à obra por décadas.

10. COMO O GOVERNO CONTROLA A CLANDESTINIDADE DA IGREJA SUBTERRÂNEA?

Como a palavra diz, a clandestinidade é a tentativa de fugir do controle do governo. A resposta do governo é por ação policial em diversas formas: investigativa, informantes, investigações, observações, prisões e interrogatórios.

11. AS CELEBRAÇÕES E SACRAMENTOS ADMINISTRADOS POR BISPOS E PADRES PERTENCENTES À IGREJA PATRIÓTICA SÃO VÁLIDOS?

Curioso, antes de mais nada eu diria que os sacramentos são significativos, eles alimentam a vida das comunidades. A questão da validade é a questão do vínculo da ordenação, que existe. Formalmente são válidos, até porque Roma e a Associação Patriótica colaboraram na ordenação de diversos bispos em comum. Mas o mais importante é que a vida das comunidades católicas na China tem uma força admirável, sobretudo em comunidades mais carentes. E os sacramentos alimentam a vida de muitas pessoas.